

Revista do Ensino

ORGAM OFFICIAL

DA DIRECTORIA DA INSTRUCCÃO

ANNO I

Bello Horizonte, 16 de Agosto de 1925

N.º 6

SUMMARIO

PEDAGOGIA — Ensino do vernaculo. — Livros didacticos. — Pelas escolas. — Methodos de leitura. — Os methodos de educacao e a hygiene applicada. — O ensino da orthographia nas rns. — Com relação ao let. — Lições illustradas. — Lições praticas (continuação). — Como se faz um test de li-

gação. — Lições de Lingua Patria. — Programma de ensino em S. Paulo. — O que as creanças preferem ler. — Test de intelligencia. — Escruidas escolares. — PARTE RECREATIVA — Jogos menores. — Hymno escolar. — SECÇÃO OFFICIAL — Avisos. — Relação de professores elegidos.

PEDAGOGIA

ENSINO DO VERNACULO

(Conclusão)

CONHECIMENTO INDIVIDUAL DOS ALUNOS.—Por menos numerosa que seja uma classe, logo apparecem nella creanças de capacidade mental differente. Disso resulta grande difficuldade para o professor, o qual não poderá fazer a classe caminhar com aproveitamento uniforme.

Assim, precisa elle, não sómente de conhecer a qualidade intellectual de seus discipulos, mas tambem de ajudal-os, segundo a medida de suas faculdades, sem pretender exigir de intelligencias deseguaes identicos resultados. Não deve o alumno brilhanteser contido em seus progressos para não distanciar-se dos mais tardos; nem convem se arraste o atrazado para além do que lhe permittem suas aptidões naturaes.

O professor se esforçará para apropriar-se dos embaraços que cada alumno experimenta em leitura, emprego certo das fórmãs grammaticaes, redacção, orthographia, etc., para dar-lhe exercicios que lhe sanem as falhas particulares.

A propria extensão das tarefas deveria variar, havendo um minimo exigivel para todas, e partes supplementares para os grupos mais aptos.

A missão do professor é auxiliar a seus alumnos um por um, e elle só poderá realizar essa obra sympathica, humana, ennobrecedora da profissão, penetrando-lhes a psychologia e amoldando a esta o ensino. Uma composição curta ou reprodução de um parographo ou trecho lido indicarão ao mestre, desde a primeira aula, o grau de intelligencia de cada alumno.

MOTIVAÇÃO.—Ajustar o ensino ás necessidades da criança é um dos principios psychologicos primordiales que a educação procura transplantar da theoria para a pratica. Despendo-se da rotina, não deve o ensino seguir inflexivelmente nem a ordem do texto, nem a do programma, mas a ordem suggerida pelos

interesses e exigencias do menino. E' impossive obter a plena actividade do alumno, sua inteira consagração ás tarefas, se estas representam sómente uma imposição autocratica do professor. Ao contrario, entregar-se-á de bom grado a ellas, e por mais tempo que o marcado pelo horario, se representam meios de satisfazer-lhe os desejos de informar-se, executar, expôr, divertir-se. Se, por exemplo, a imprensa attrahe a attenção sobre a produção nacional do café, da borracha, do ferro, sobre o desenvolvimento de uma industria, sobre uma situação politica, eis o momento oportuno para saciar a curiosidade dos escolares, mostrando-lhes, ou melhor, levando-os a recolher por si mesmos, os conhecimentos que desejam. Um successo local, uma chuva, um desmoroamento, uma cheia, uma boa ou má colheita, uma nova estrada, factos, emfim, que tenham provocado os comentarios dos meninos, devem aproveitar-se immediatamente como themas de fecundas lições.

Em todos esses casos, o ensino é **MOTIVADO**.

A motivação não oferece obices insuperaveis, conquanto haja alguns pontos mais difficeis que outros.

O mais delicado é o referente ao emprego do syllabario. E' mistér preparar umas tantas lições preliminares que suscitem nas crianças o desejo vehemente de aprenderem a ler. Demais, são indispensaveis quadros muraes com a legenda em baixo das gravuras e livros profusamente illustrados que despertem a admiração dos alumnos.

Tornar-se-á motivada a leitura de excerptos e de obras litterarias da bibliotheca, ligando-a com o ensino de outras materias ou com circumstancias presentes, ou fazendo um dos alumnos preparar alguns trechos para lel-os a seus collegas do mesmo ou de outro curso.

Motiva-se a composição oral ou escripta, si os escolares têm alguma coisa que comunicar e contam com um auditorio ao qual possam transmitti-la. As cartas enviam-se devesa a uma pessoa. Da observação dos erros grammaticaes na linguagem oral e escripta decorre, logicamente, o tratar-se dos pontos grammaticaes relativos a taes erros para a respectiva correção.

Motivam-se os simples exercicios linguisticos destinados a firmar a leitura corrente e expressiva, a orthographia, a correção grammatical, a redação, o augmento do vocabulario, convencendo-se a criança de que esses trabalhos tendem a dar-lhe maior perfeição no uso effectivo do idioma.

Ha varios meios de se motivarem os exercicios de portuguez: a exposição frequente de trabalhos em quadros apropriados, funcionamento de diversas sociedades—de leitura, de debates, etc.—a dramatização, certames de recitação, leituras, poesias originaes, etc.

Amidde, o interesse surge espontaneamente nos meninos; mas, em outros casos, é accordado pelo professor, e é nisso que exhibe a melhor prova do seu tacto, habilidade e perfeição technica do ensino.

Quer o interesse appareça de uma, quer da outra forma "o trabalho escolar estará motivado, sempre que sua applicação real fique á vista do meninente; sempre que lhe proporcione algo valioso que lhe falta, que o dote com alguma capacidade a cuja posse aspira; que lhe assegure um fim desejado ou o ajude a fazer um alvo definido (1)".

Desde o momento em que o menino é impellido a grangear conhecimentos gratos á sua curiosidade intellectual ou indispensaveis para resolver alguma questão; ou em que procura entregrar-se as actividades physicas e artisticas a elle delectaveis ou proveitosas, está prompto para desenvolver o esforço pessoal numa obra que já não tem o caracter da lição antiga, imposta pela determinação exclusiva do mestre: é seu trabalho proprio. E' seu plano proprio. A escola que souber transformar o ensino corrente em planos insinuados pelas crianças e accetios com prazer por ellas, terá o maximo valor psicologico e social, será, por excellencia, a escola educadora.

SOCIALIZAÇÃO DA CLASSE—Para que a pratica da co-operação e solidariedade abra caminho no mundo, com menos lentidão e tropeços, é absolutamente necessario saturar-se a escola do espirito social. Não lhe é bastante ensinar algumas disciplinas, deve, antes de tudo, ensinar o menino a trabalhar *com outros* e *por outros*.

Esta actividade social ou SOCIALIZAÇÃO DA CLASSE pòde conseguir-se, na aula de lingua patria, das maneiras seguintes:

1.º De vez em quando, confia-se a um alumno a direcção da classe, como si fóra elle o presidente de uma sociedade.

2.º Promovem-se discussões na classe, e o professor, ao mesmo tempo que as anima, dellas participa como um dos interessados.

3.º Organizam-se sociedades de narrações, de leitura, de escriptores, de recitações, de representações dramaticas, etc.

4.º Constituem-se grupos de alumnos para fazerem illustrações e construções de trabalhos manuaes relacionadas com trechos de leitura.

5.º Formam-se grupos de alumnos para corrigirem composições, como já ficou indicado, ou para ajudarem na leitura, e na composição, aos mais atrasados.

6.º Prescreve-se a preparação individual ou grupal de tarefas destinadas a ministrar á classe, conhecimentos relativos ás materias nella estudadas: noticias biographicas, consulta de dictionarios, estudo de um assumpto proposto, etc.

7.º Um curso institue uma secção especial em honra de outro.

8.º A classe collabora numa festa local.

9.º Troca-se correspondencia com os alumnos de outras escolas.

10.º Os alumnos se esforçam por obter para seu curso ou sua escola caducos uteis, publicação de artigos interessantes, novos livros para a bibliotheca.

COOPERAÇÃO DAS OUTRAS DISCIPLINAS—E' erro no suppor que bastam as aulas de portuguez para alcançar-se algum proveito no uso effez da lingua materna. E' de todo o ponto indispensavel a co-operação das outras aulas na correção dos erros de forma, e, principalmente, na pratica de discussões, de exposições continuas de assumptos, de composições escriptas.

Embora se occupem as classes de portuguez, mediante trabalhos e exercicios adequados, de alguns pontos grammaticaes e litterarios, são as outras disciplinas—historia, geographia, sciencias, instrucção moral e civica—as que mais contribuem para se formarem bons habitos de linguagem: porque proporcionam a materia prima da expressão, os pensamentos que devem transmittir-se; porque excitam affeições favoraveis á tendencia communicativa; porque, em conjunto, tomam mais no horario que o portuguez, offerecendo, por isso, mais oportunidades para o emprego do idioma.

Vê-se, portanto, nas outras aulas, pela pratica da lingua, e, annos-inde, na de portuguez os erros, de linguagem commettidos naquellas, afim de se fazerem exercicios tendentes a emendal-os.

MATERIAL DE ENSINO—Além da bibliotheca e dos quadros já mencionados, requer-se o material seguinte:

1.º A mesa de areia, especie de taboleiro montado sobre pés de 0,60 de alto. A caixa, com contêr areia, deve medir 0,60 de profundidade, 0,70 de largura e 1,60 de comprimento.

Serve este movel para que os alumnos façam construções: collinas, caminhos, ruas, etc.

E' util principalmente para o primeiro e o segundo anno.

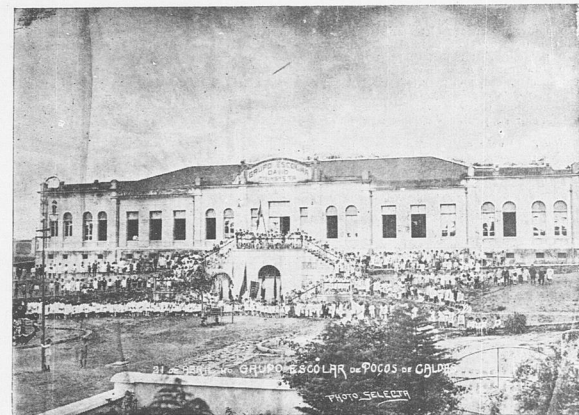
2) Duas caixas de typos moveis de borracha, grandes uns, pequenos outros. Servem para a impressão de abecarios de letras soltas em cartõesinhos, de cartões com palavras, de fitas de papel com phrases, de curtos trechos de leitura.

3) Papel resistente para as impressões supra citadas.

4) Um polygrapho para se copiarem poesias e pensamentos que se queiram distribuir aos meninos.

5) Giz de côr para illustrações na pedra.

(E'l monitor de la 'Educación Común, de 31-1-1920).



Grupo Escolar "David Campista", de Poços de Caldas

LIVROS DIDACTICOS

Foram-me dictadas estas linhas por um critico *anatto* d' "O Paiz", publicado ha dias, no qual se reclama contra o processo summario de adopção de livros didacticos, nos estabelecimentos de ensino, sem que sejam sujeitos a um previo *controlê* que demonstre dispor-sem taes compendios dos multiplos requisitos exigiveis em obras de tal natureza.

Torna-se necessario, realmente, que se resista vigorosamente á onda invasora dos escriptores que se arvoram em didactas, uns apenas animados de louvavel boa vontade, mas sem os predicados que justifiquem aquelle titulo, outros induzidos a taes publicações unicamente pela ambição de rendosos proventos.

O mercado de livros vê-se cada dia mais abastecido de trabalhos destinados á mocidade escolar;

muito ha, porém, que respingar nessa abundante litteratura tendente a alieciar o caracter e a mentalidade das successivas gerações de moços.

Competencia e auctoridade em assumptos pedagogicos não se inventam e nem se improvisam.

Para ser autor de obras didacticas uteis, revestidas do caracter que lhes deve ser peculiar, torna-se indispensavel possuir, com todos os seus segrejos, a sciencia da educação—dispor de conhecimentos profusos sobre o assumpto a tratar; estar no corrente de todos os methodos e processos applicaveis á difficil tarefa de ensinar; possuir senso moral e critico em grau elevado; lidar habilmente com os proceijos e ensinamento da psychologia da crecença e do adolescente; conhecer o ambiente escolar, e identificar-se com elle; saber baixar ao nivel da mentalidade do alumno e ter sempre em vista a finalidade do estudo de cada disciplina, visando especialmente a sua utilidade pratica.

(1) The World Book, pag. 5724. W. F. Quarrie and Co., Chicago 1922.

Revista do Ensino

Ha, demais, a ponderar, que um compendio didactico deve conter doutrina sã e substancial, verse expungido de estrobo sectarismo e destituido da ostentação de eruditos cabalotes que não carece o alumno.

Pecam muitos autores pela falta de equilibrio entre a maior ou menor relevancia da materia a desenvolver, em cada capitulo, e a extensão da a ao assumpto respectivo; a esses fallece o senso da medida.

Não se deve abalancar ás letras didacticas quem não lidar com o vernáculo com inteiro desembarço, corrección e facilidade; nellas se requerem estylo adeuado á maturação e grã de expressões phrasas elegantes e despretiosas, sem preciosismos nem crassa vulgaridade, precisão e riqueza do vocabulario, linguagem escripta, plastica modalidade da expressão, perfeita clareza, probidade, e inteiro rigor grammatical.

Muitos dos livros em questão representam mal alinhavados trabalhos de compilação desordenada, repletos de desnecessarias citações, destituidos de interesse, e sem o mais leve traço de cunho individual.

São muito conhehidos, por verdadeiramente nocivos ao ensino, as celebres publicações subordnadas ao título de *pontos*, que trazem, sempre, a recommendação, e a declaração de que foram resumidos e organizados de accordo com os programmas officinaes.

Mas o que vem acima observado, diz, apenas, respeito aos requisitos que devem ser caracteristicos da cultura technica do autor.

Ha ainda a considerar, na execução material de tres produções, um conjunto de exigencias no triplice ponto de vista esthetico, pedagogico e hygienico.

A primeira impressão de quem lançar as vistas sobre um livro didactico não pde deixar de ser a de um perfilho conchadinho, acabatissimo.

A sua accitação deve depender, em grande parte, do escripto rizooso havi-o na escolha do material emprega-o e na observancia dos preceitos hygienicos vulgarizados nos mais rudimentares ditames da pedagogia.

Ha que levar em muita conta o formato, a encadernação, a impressão, a outalidade do papel, os caracteres e a tinta de impressão, o espaço entre as linhas do texto, as gravuras e illustrações, a feição artistica, a rnação e até o preço de aquisição.

Entretanto, é commum verem-se adoptados livros completamente falhos sob tões aspectos—brochuras volumosas, de formato exiguo, encadernação pouco resistente, caracteres de infimas dimensões e apontados entre estrosos astrelos, impressão pouco nitida em papel ordinario, tinta desmaiada e pouco firme, defectuosos desenhos, paginação mal disposta, revisão descuidada e extensas erratas.

Um compendio didactico requer, pois, a mais meticulosa censura, para que possa, com vantagem, e sem prejuizo para o alumno, preencher cabalmente os fins a que se propõe.

Ma a publicação no genero, apreciavel, pela observancia dos melhores methodos e processos, e

quanto á explanação da materia, se vê deveras comprometida pela ausencia de technica na sua execução material.

Atravessamos, por felicidade nossa, uma época na qual o mais vivo interesse converge para o assumto magno da disseminação e aperfeçoamento da cultura nacional, nos seus diversos graus.

Essa questão, de approvação e adopção de livros para os escolares, não tem sido, entretanto, até hoje, encarada com a solicitude que fóra para desejar, dado o consideravel alcance de que se revestem as suas consequências, reflectidas directamente na eficiencia do ensino.

Fiz-se mister uma selecção a rigor, criteriosa e intelligente, para se conseguir pôr um paradeiro á intromissão dos intrusos e incompetentes, em seára que é dominio exclusivo dos verdadeiros profissionais.

Tanto o Departamento Nacional do Ensino como os governos dos Estados, estão no dever de organizar essa selecção, recorrendo, para isso, a comissões de legitimos especialistas, na altura da delçada funcção, e capazes de desvendar as influencias que não sejam as do interesse da instrucção.

Ao par dessa rigorosa selecção, medidas de estímulos que animem os autores de merito real a produzir, premiando-lhes os trabalhos de inconfutavel valor, facilitando-lhes os meios de publicarem as suas obras, libertando-os, assim, do juço dos editores, que se vão enriquecendo escandalosamente á custa das vigílias e do talento dos intellectuaes, sujeitos á penosa contingencia de se satisfazerem com as miseraveis migalhas com que são estipendiados, em troca da alienação inconcionnal dos seus direitos autorales.

A lortadas tões medidas, poderemos, então, contar com uma litteratura didactica na altura da educação moderna, nos seus grandes surtos para os novos ideaes de uma geração atormentada por duras vicissitudes, resultantes dos erros accumulados desde o mais remoto passado.

O mestre e o livro são dois elementos que se integram na obra da crystallização do caracter e da formação da mentalidade dos povos.

Um e outro devem possuir os altos predios necessarios ao desempenho de funcção de tamanha responsabilidade social.

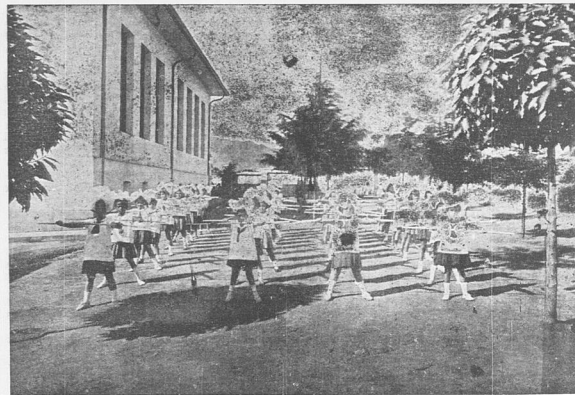
João Itangol
de Acadêmico Macrae

PELAS ESCOLAS

A myopia escolar e a iluminação das aulas

A publicação obvio é um extracto do artigo que, sob a entrophe sara, vem publicada na revista «Brotéria», de setembro de 1917.

Para obviar ao extrarlinario desenvolvimto da miopia nas escolas é preciso, pois, antes de



(Grupo Escolar «Barão de Macahubas» — Alunos em gymnastica

mais nada, que as condições de luz sejam o que devem ser.

A primeira condição para obter uma iluminação natural satisfactoria é que a luz incida directamente sobre as mesas das aulas. Para isso requer-se que a distancia minima entre as aulas e o edificio vizinho seja pelo menos igual á altura desse edificio; doutro modo a luz seria cortada por elle. Além disso, é necessário que as janelas sejam sufficientemente amplas para que o angulo (°) que mede o espaço verdadeiramente luminoso tenha ao menos uma abertura minima de 5°, quando a da incidencia dos raios luminosos não for inferior a 25°.

Para medir este angulo espacial luminoso, inventaram-se instrumentos como o *Raumwinkelmesser* de Weber. Uma fórmula, porém, muito mais simples, que dá os mesmos resultados e que foi adoptada em França, é a de Javal. «Um dos olhos applicado ao nível da mesa, no sitio menos favorecido, deve ver directamente o céu em uma extensão vertical de ao menos 0,300, contados a partir da borda superior das janelas.

Determina assim a incidencia da luz, e sabendo-se, como diz True, que «em principio nunca esta é demasiada na escola», resta examinar outro ponto não menos importante, a saber, a situação que deve occupar com relação ao estudante o foco luminoso.

Absolutamente falando, a iluminação pode ser anterior, posterior, lateral direita e lateral esquerda. As tres primeiras offerescent todas, qual mais, qual menos, sérios inconvenientes quer por projectarem sobre o papel as sombras do corpo e especialmente da mão durante a escripta, quer, se a luz vem de frente e é um pouco intensa, por impossibilitar os alumnos de olharem para o professor e para o quadro preto, e por mantê-los como ofuscados.

O que parece reunir a maioria dos suffragios é a iluminação unilateral esquerda. Isso não quer dizer, sobretudo quando as aulas são muito largas, que se não possa combinar com outra, que é geralmente a lateral direita. Contudo em tões casos é preciso evitar, quanto possível, os contrastes de luz e sombra que tambem podem ser considerados como verdadeira causa de miopia. Se, porém, apesar de todos os esforços, semelhantes contrastes subsistissem, e sem o foco lateral direito a iluminação da sala ficasse insufficiente, seria preferivel optar então pela iluminação bilateral, pois os males que consigo traz a insufficiencia de luz são incomparavelmente maiores que os causados por luzes contrastes.

Outra iluminação que tem encontrado partidarios entusiasticos é a lateral esquerda, combinada com a posterior. Esta combinação já foi adoptada nas escolas-modelo de Upsal e de Lausanne. Destas diz Combe: «Nessas escolas podemos verificar a

grande utilidade das janelas situadas atrás dos alunos, quando ellas são altas e bem rasgadas. A aula é toda inundada de luz e a tal ponto, que a sombra projectada pelas janelas posteriores desaparece por completo. O unico inconveniente deste systema é o incommodo que afinal é desprevital, pois este arrangement permanece no seu pulvito. O que fica dito sobre a situação do foco luminoso na iluminação natural ou diurna, pode applicar-se á artificial. Nesta deve, pois, prevalecer a lateral esquerda, que se obtém facilmente por meio de reflectores que projectem a luz em uma direcção determinada.

Nos ultimos annos, a chamada *illuminatio indirecta* ou *luz diffusa* tem reunido grande numero de adeptos e já foi installada, ao que parece com excellentes resultados, em varios estabelecimentos de ensino, como o lyceu de Aix, o lyceu Montaigne em Paris, e a escola de Saint-Oyr. Empregam-se ordinariamente para esta iluminação lampadas electricas, cujo foco luminoso fica coberto completamente a qualquer sitio da aula por meio de um reflector com a concavidade voltada para o lecto. Este que deve ser de um branco claro reflecte e diffunde a luz por toda a sala.

Mas, seja qual for a situação do foco luminoso, deverá este ter sempre uma intensidade sufficiente.

A maior parte dos auctores requerem um minimo de 10 velas approximadamente para cada alumno, chegando mesmo Erismann a pretender 10 a 15 para as aulas ordinarias e 20 a 30 para as de desenho.

Alli ficam esboçadas em breves traços as condições hygienicas a que deve obedecer a iluminação dos estabelecimentos educativos, si se quer oppôr uma barreira ao vome desenvolvimento da myopia que tanta victima tem feito entre o elemento escolar. Si dellas se tivesse alguma conta, veriamos dentro em breve diminuir sensivelmente os casos desta doenca e presenciaríamos resultados como em Lund na Suécia em que a porcentagem dos myopes no curso de physiophia desceu de 42%, no curto prazo de 27 annos. E' preciso, porem, confessar que não foi o melhoramento das condições de luz o unico factor desta baixa. Para ella contribuíram tambem outros elementos, como a pratica do desporto, a gymnastica ao ar livre e muito especialmente os frequentes exames da vista a que se submettiam os alumnos.

Semelhante exame não exige necessariamente a presença do especialista que se tornaria muito dispendioso. Basta para isso trabalho intelligente dos professores que poderão por si mesmos verificar a normalidade ou anormalidade da vista dos seus alumnos. Com esse fim inventaram-se tâboas como as de Snellen, Monnoyer, Leprince e a de Badaloni,

Para o exame, colloca-se a tâboa a uma altura correspondente á estatura do alumno na parede mais illuminada da aula ou de outra sala qualquer, do lado opposto á janela. Os alumnos, pondo-se successivamente diante da tâboa a uma distancia de cinco metros, devem ler com cada um dos olhos em separado qualquer letra o dizer para que lado está a abertura do quadrado. Si a resposta é satisfactoria, a vista considera-se normal; no contrario, tem de se submeter o alumno á visita de um medico especialista.

C	D	F	Z	D	E
P	R	G	E	L	Z
T	G	L	O	P	R
C	U	C	C	C	C
P	U	U	U	U	U
U	C	U	U	U	U

Tâboa escolometrica do Badaloni, para determinar a acuidade visiva nas escolas.

Este methodo, sem ser gravoso para o balanço do collegio ou escola, é um dos grandes meios de obstar ao desenvolvimento da myopia.

Oxalá o movimento em favor da vista que em nagões como a Franca, Alemanha, Inglaterra, Suissa, Italia, Suecia, etc., tão bons resultados tem produzido, se estenda e propague tambem entre nós! Da «Revista Escolar» de S. Paulo.

Da «Este angulo, angulo especial» de Cohn tomando por vertice a mesa do alumno, e para lados das linhas passando uma pela borda superior da janela e outra pela base. Tal angulo não representa o verdadeiro espaço luminoso, pois o lado inferior pode ir de encontro a um edificio vizinho. Preferimos, por isso, o angulo de Förster que tem o vertice na mesa do alumno, um dos lados a passar pelo bordo superior da janela e o outro pela parte superior do edificio vizinho.

METHODOS DE LEITURA

(Pedagogia experimental)

A despeito das apparencias, escreve Simon, só existem realmente dois methodos de leitura, a saber:

O *methodo synthetico*, que vai da letra á syllaba e á palavra, que procura estabelecer a relação entre os signos graphicos de um lado, e os sons e as articulações, de outro, pela repetição e pela escolha judiciousa de palavras retiradas do vocabulario infantil.

O *methodo global ou analytico*, que segue marcha inversa: parte da linguagem escrita, tal como se apresenta; analisa e creança palavras inteiras, as quas são depois, analysadas, fragmentadas, e, pela combinação destes fragmentos, se formam novos vocabulos.

A historia destes dois methodos é lto vtoha quanto a pedagogia. Qual é mais vantajoso? Ambos ensinam o menino a ler; a vantagem pertence, pois, áquelle que o fizer com economia de tempo e com mais perfeitico. Simon tenta resolver experimentalmente este problema, para o que estabelece preliminarmente:

- a) Como apreciar uma leitura?
- b) Quaes as phases de acquisição?

Na apreciação destes dois problemas, convém considerar os tres factores:

- a) debito
- b) velocidade
- c) correção

1. O *debito*.—De accordo com a natureza do debito, Vanev estabelece a seguinte escala de leitura:

- a) *Leitura subsyllabica*, reduzida simplesmente á soletroação mais ou menos perfeitica.
- b) *Leitura syllabica*, assistida por paradas depois de cada syllaba.
- c) *Leitura heulante* de palavras ou grupos de palavras com paradas, sem considerar a pontuação.
- d) *Leitura corrente*.
- e) *Leitura corrente expressiva*.

2. A *velocidade*.—Ela representa fielmente o grau de leitura atingido pelo alumno. Mede-se este factor, muito facilmente, mandando-se a creança ler, em voz alta, durante tres a cinco minutos contados no chronometro, o texto que não apresente difficuldades especiaes. Os resultados fornecidos por esta technica são muito precisos e, portanto, comparáveis. Eis as medidas obtidas nas escolas de Paris (meios):

Aos 7 annos e meio	55	palavras por minuto
Aos 8 annos e meio	60	» » »
Aos 9 annos e meio	100	» » »
Aos 10 annos e meio	120	» » »
Aos 11 annos e meio	130	» » »
Aos 12 annos e meio	140	» » »

3. A *velocidade* e o *debito* informam imperfeitamente sobre o mecanismo da leitura e de sua acquisição. E' importante considerar tambem a *correção* para o que foram propostos varios tests especiaes.

Simon comparou ainda, entre si, creanças que aprenderam a ler pelo methodo synthetico e pelo global, no que concerne á leitura de syllabas isoladas. Este estudo comparativo revelou que as creanças instruidas pelo methodo synthetico apresentam quatro phases de acquisição:

- a) Leitura de algumas letras isoladas.
- b) Soletroação com omissoes e confusões de letras.
- c) Soletroação predominantemente, mas reunido de algumas letras.
- d) Syllabação relativamente correcta, com persistencia de formas transitórias entre a soletroação e a syllabação propriamente dita (ex.: *nas lido e. au, pas lido p. so*).

As creanças instruidas pelo methodo global, quando não podem ler a palavra dada, procuram uma palavra vizinha da syllaba apresentada (ex.: *phre* approximado de *phre, ac de suere*, etc.). Estas approximações se tornam cada vez mais precisas do começo para o fim do anno de aprendizagem.

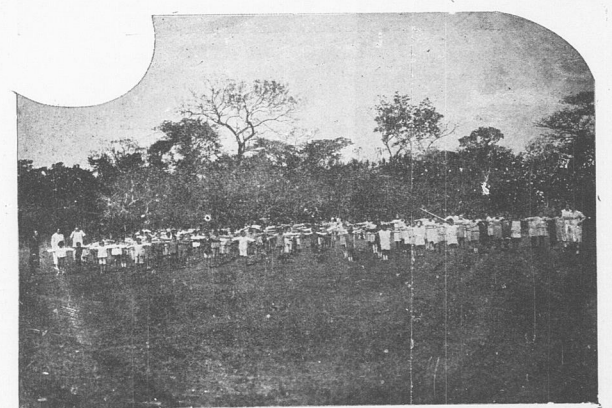
Que conclusões se pôde tirar destes factos? «A idade de acquisição», diz Simon, parece sensivelmente a mesma, independentemente do methodo empregado; o menino se engana, sem duvida, differentemente segundo a aprendizagem que elle recebe, mas o engano é fatal; não encontra as mesmas difficuldades, mas a mesma a que se mostram insuperáveis.

Demais, parece que muito nos illudimos quanto á pureza dos nossos methodos. Mesmo puritas de letras, ou de sons, os methodos syntheticos põem sob as vistas da creança palavras inteiras.

No methodo global as palavras são, na verdade, apresentadas por inteiro, mas as porções approximadas são frequentemente sons analogos, e os meninos já aprendem, por occasião da escrita, a distinguir as suas letras.

Em ludo methodo de leitura, são numerosos os factores de aprendizagem extranhos a elle. Poder-se-ia alearnar, mesmo, que as creanças aprendem a ler *apenas dos nossos methodos*. Como conclusões, portanto, é que o educador não deve ter em vista não é applicar servilmente um só methodo para todos os alumnos; convém que elle conheça em suas difficuldades e complexidades, os dois methodos, além de pôde applicar, com intelligencia e discernimento, cada um de accordo com as circumstancias, isto é, seguindo a creança que elle tem de instruir.

(Emile Foucaix, Resumo, l'École et la Vie, Se. année, n. 23, 21—2—1925.)



GRUPO ESCOLAR DE CURVELLO

Os métodos de educação e hygiene applicada

(Pelo Dr. CLAPAREDE, em L'Education, n. 5, fevereiro de 1928)

Theses que o dr. Ed. CLAPAREDE apresentou ao Congresso de Hygiene Mental, reunido em Paris, em junho de 1922.

1.°—Nos países «civilizados», a escola, publica e particular (com algumas felizes excepções) conta gra uma multidão de heresias physiologicas e biologicas, contra as quaes as Ligas de Hygiene Mental devem lutar sem treguas nem desfalecimentos. Heresias moraes tambem, porque quantas vezes a escola não extinguiu no coração do gesto pelo trabalho, e não projectou sobre a infancia, uma sombra indeleivel?

2.°—A escola, para realizar sua missão do modo mais completo, deve inspirar-se em sua concepção funcional da educação e do ensino. Esta concepção consiste em considerar a creança como o centro dos programas e dos methodos escolares, e a educação como uma adaptação progressiva dos processos mentaes a certas ações determinadas por certos desejos.

3.°—O motivo da educação deve ser não o medo do castigo, nem mesmo o desejo de uma recompensa, mas o interesse, o interesse profundo pela a cousa que deve assimilar ou executar. O menino deve adquirir o habito do trabalho, a noção do cumprimento do dever, não para obedecer a outrem, mas porque este modo do proceder lhe é agradável. Em synthese, a disciplina interna deve substituir a externa.

4.°—A escola deve preservar o periodo da infancia. Muitas vezes, ella a encurta, supprimindo phases que deveriam ser respeitadas.

5.°—A educação visa desenvolver as funções intellectuales e moraes, e não encher a intelligencia com uma serie de conhecimentos, que, quando não são rapidamente esquecidos, permanecem na memoria como cousas mortas, verdadeiros corpos estranhos sem nenhuma relação com a vida.

6.°—A escola deve ser activa. Isto é, mobilizar a actividade da creança. De-ve constituir mais um laboratório do que um auditorio. Com este intuito, ella poderá tirar partido vantajoso do *jogo*, que estimula ao maximo a actividade infantil.

7.°—A escola deve ensinar a creança a amar o

trabalho. Muitas vezes ella lhe faz detestavel-o, creand-o, em torno dos deveres que impõe, associações affectivas prejudiciaes.

8.°—Como a vida que espera a creança ao sahir da escola é o meio social, é preciso apresentar o trabalho e os ramos de estudo sob um aspecto vital e mesmo social. Ora, a escola tem desprezado esta face do problema educativo, transformando o trabalho escolar em alguma cousa artificial e sem significação social.

9.°—Neste novo modo de encarar a educação, a função do mestre se transformou radicalmente. Este não deve ser mais o omnisciente encarregado de petrificar a intelligencia e de mobilizar o espirito com conhecimentos. A sua missão, bem mais difficil, deve ser a de um *estimulador* de interesses, accordando na creança necessidades intellectuales e moraes. Deve ser para os seus *discipulos* mais um collaborador do que um professor *ex-cathedra*. Em vez de se limitar a transmitir os conhecimentos que possui, cumpre-lhe auxiliá-lo a adquirir os enthusiasmos pelo trabalho e por pesquisas pessoais. O entusiasmo, e não a erudição, será sua virtude principal.

10.—Esta nova concepção da escola e do educador implica uma transformação radical na formação dos *mestres*, cujo preparo deve ser principalmente psychologico.

11.—A observação tem demonstrado que são limitadas as capacidades naturaes de cada pessoa, e que é inutil querer desenvolver capacidades que não possui.

E', pois, necessario, que a escola tenha principalmente em vista as *aptidões individuais*, e se aproxime do ideal da «escola sobre medida». Poder-se-ia conseguir esse esderiderum deixando, nos programas, ao lado de um programma minimo comum e obrigatorio a todos, comprehendendo as



Directorias da Liga da Bondade "Analia de Carvalho", fundada a 13 de maio de 1925, no Grupo Escolar de S. Matheus, de Juiz de Fóra.

disciplinas indispensaveis, um certo numero de *especialidades*, que os interessados poderiam aprofundar á vontade, movidos sempre pelo interesse e não pela obrigação de prestar exame sobre ellas.

12.—Uma democracia, mais que todo outro regime, tem necessidade de uma *élite*, intellectual e moral. E', pois, de interesse da sociedade e dos individuos, seleccionar as creanças bem dotadas, collocando-as em condições mais proprias para o desenvolvimento de suas aptidões naturaes.

13.—As reformas mencionadas só serão possiveis se o *systema de exames* for radicalmente transformado. A necessidade de exames impelle o professor a transformar o ensino em *memorização*, abandonando sua função principal que é desenvolver a intelligencia. Tal vez para o minimo de conhecimentos indispensaveis, os exames deveriam ser supprimidos e substituídos por uma apreciação sobre os trabalhos individuaes executados durante o anno, ou por *tests* appropriados.

14.—A psychologia experimental pôde fornecer á pedagogia praticas meios adequados á verificação do valor dos methodos didacticos e do aproveitamento escolar. Fornece tambem methodos de diagnostico mental *tests* (mentaes).

15.—A inercia e o espirito de rotina das administrações sendo tacitamente sustentadas pela indiferença do grande publico ou pela sua incompreensão pela reforma solicitada, cumpre ás Ligas de Hygiene mental apprehender, em todos os países, uma propaganda intensa em favor das idéas novas.

O escopo da pedagogia moderna

(Por PIERRE BORET, em L'Education, n. 2, novembro de 1924)

Resumo

A pedagogia moderna deve ser scientifica em sua inspiração e em seus methodos. Ella necessita da collaboração mais íntima da nova sciencia chamada *psychologia infantil*, iniciada por Stanley Hall.

Antes do advento desta sciencia, para fundar-se uma pedagogia scientifica, insistia-se sobre a presumpção de que a creança é um ser *receptivo* (HERBART). Educual-era apresentar-lhe idéas em uma ordem logica. Hoje, ao contrario, verificou-se que a creança é um ser *activo*, porque vive o crece, e não uma cera macia; o seu desenvolvimento se opera pela actividade, o exercicio e o jogo. Nossa concepção da educação será, pois, muito diversa, e tiraremos partido dos dados psychologicos.

A pedagogia é um conjunto de methodos de disciplinas; para criticar a superioridade de um methodo, é necessario mostrar os seus resultados praticos. Compete á pedagogia experimental constituir methodos de verificação, universalmente reclamados.

Verificou-se, por exemplo, que o ensino da ethnographia, nas classes primarias, não prejudica a boa orthographia. O estudo do esperanto favoreceu, em experiencias realizadas na Inglaterra, o aprendizado do francez.

Os resultados da pedagogia experimental provam que é necessario partir dos interesses da creança para organizar os programmas de ensino.

Com relação ao leite

(Au sujet du lait)

Dr. P. E. Morhard-L'Ecote et la Vie—31— Janeiro 1925.

O verdadeiro vitor alimentar do leite, como deve elle ser dado ás creanças e aos adultos. Tal o que M. procura mostrar. O leite só pode ser considerado alimento completo para a creança desde ao nascer até aos 6, 8 ou 10 meses, pois, si é verdade que elle pôde fornecer ao organismo gordura, hydrato de carbono, albuminas, sais mineraes e vitaminas, não possui, todavia, outros elementos cuja administração se torna indispensavel á creança pois daquille periodo da vida.

O mais importante destes elementos é o ferro, que o leite contém em insufficiente. A administração unica do leite depois dos 6 a 8 meses conduz o individuo a uma anemia, entre outros symptomas desagradaveis, por falta de ferro.

Si tal não acontece nos primeiros meses da vida é pelo facto de aproveitarem-se nesse periodo, a creança da reserva consideravel de ferro com que vem ao mundo. Mas auxiliado por outras substancias alimentares o leite é posteriormente indispensavel. E' o alimento que mais activa o crescimento. Para evitar os excessos para mais ou para menos, M. estabelece as seguintes regras: para creanças de 8 meses a 1 anno, 800 grammas de leite de vacca por dia, recorrendo-se a papas de farinhas si as necessidades alimentares da creança o exigirem. Se o leite é materno, 1 000 a 1 200 grammas não têm inconvenientes. Nas creanças um pouco maiores, a quantidade de leite não deve ser superior a 1/2 litro ou 3/4 de litro, sendo o restante constituído de carne ou ovos e hydrato de carbono. No adulto 1 1/3 de litro a meio litro é sufficiente.

Trata, em seguida, dos inconvenientes do leite fervido. As antigas prevenções contra o leite crú e o abarcar-dejo abaladas á transmissão de varias moléstias, entre outras, a diarrhéa dos lactentes, pelo leite crú, não pode ser sustentada com a mesma firmeza de outróra. Quando o leite não é, todavia, empregado logo após a colheita, deverá ser «purificado», para o que aconselha aquecê-lo até 85°, do seguinte modo:

Mergulhar os vidros contendo o leite em banharia, de modo que a agua chegue ao mesmo ni-

vel que o leite; leva-se a água á ebulição, feito o que, o leite se acha "purificado", podendo sem nenhum recuo ser usado.

Este processo é muito diferente do da "esterilização", até ha bem pouco aconselhado, em que o leite devia ser fervido durante 45 minutos, o que apresenta varios inconvenientes: precipitação dos phosphatos de calcio, eliminação do ácido carbonico necessario á digestão, agglomeração das finas gotículas gordurosas do leite cru em gotas maiores, que difficilmente são atacadas pelos sucos e digestivos, etc., tudo isso tornando o leite fervido um alimento pesado, favorecendo mesmo á pullulação microbiana nos intestinos.

Se o leite é usado logo após a colheita, até mesmo a purificação pôde ser dispensada, principalmente quando nas laticas da vacca foram convenientemente lavadas por occasião da extração.

Mostra-se M. favoravel ao emprego do leite condensado, que, desde tenha sido preparado em temperatura mais baixa possivel (maximo de 60°), produz resultados perfeitamente satisfactorios, mas é indispensavel que se dê tambem diariamente ao lactente 1 a 2 colheres de café de caldo de fructas frescas, por causa das vitaminas desses caldos.

Salienta a superioridade do leite de jumenta sobre o da vacca na alimentação infantil mas a difficuldade em se obter esse leite e seu elevado preço impedem-lhe a diffusão. Tal não acontece com o leite de cabra "a vacca do pobre", cuja criação é o facil e pouco dispendioso, sobretudo quando se consegue estabelecimento desses animas; conseqüente-se, com isso, resolver este importante problema:

fornece á criança leite fresco e de boa qualidade. Mas é indispensavel evitar-se dois grandes perigos na administração do leite de cabra: uma anemia grave que elle produz nas criações de menos de 5 mezes e a transmissão de uma moléstia commum nas cabras — a febre mediterranea. Para evitar o primeiro destes inconvenientes é necessario ájuntar-se ao leite de cabra leite materno. Quanto ao segundo basta a purificação do leite, que não deve ser nunca dispensada, numa temperatura de 60° é absolutamente fatal ao gormem da moléstia.

No nosso meio este ultimo accidente não deve ser considerado, por isso que a febre de malta não existe entre nós, salvo em so tratando de cabras importadas já com a infecção.

Lucas Machado



GRUPO ESCOLAR DE CALDAS, aos 14 de Julho de 1925. — Director, José Alfredo Silva

LIÇÕES INTUITIVAS

II

Numeros romanos

Ensinar pouco para ensinar bem. Esta lição se doutrina ao 2º anno primario.

Professora. Vocês se lembram dos algarismos romanos, que hontem lhes ensinei? Quantos são elles, Livia?

Alumna. Os algarismos romanos são sete.

P. Venha escrever-os no quadro, e depois leia-os com os seus valores.

A. I, vale um; V, cinco; X, dez; L, cinquenta; C, cem; D, quinhentos; M, mil.

P. Observemos agora o relógio escolar. Ophelia, aponta lá os numeros um, cinco e dez.

A. Um, I, cinco, V, dez, X.

P. Agora vejamos dois, tres e quatro. Que é o que se fez com o algarismo I, Julieta?

A. Foram scriptos dois I, tres I, quatro I.

P. Como vêm, algums similhantes, seguidos uns aos outros, sommam-se. Sabendo-se que X vale dez, dois X, assim scriptos, quanto valem?

A. Vinte.

P. Raphael, como escreveram no mostrador do relógio seis, sete e oito?

A. Desta maneira: VI, VII, VIII.

P. Quer dizer V, cinco, mas um I, ou dois I, ou tres I. Todo algarismo collocado á direita de um algarismo maior do que elle, acrescenta-se ao mesmo. Vejam onze e doze no relógio. Venha escrever-os, Antonio.

A. Escrevi XI, XII.

P. Está direito. Escreva nove ao lado de onze. Si quizer, pôde ver no mostrador.

A. Aqui está: XI, IX.

P. Reparem bem: I depois de X augmentou um, e antes de X diminuiu um. Leia os numeros do mostrador, Laura. Onde estão seis, nove, onze e quatro? Escreva seus numeros.

A. Prompto: VI, IX, XI, XIII.

P. Quatro qual sempre se escreve IV, em vez de IIII. Bem, vejamos á a Dulce escreve de cór as horas do dia.

A. I, II, III, IV, V, VI...

P. Venha continuar, Cícero.

A. VII, VIII, IX, X, XI, XII.

P. Arthur, tres algarismos romanos, XXX, que numero representam?

A. Representam o numero trinta.

P. Um algarismo menor depois do maior, que faz com este? Seja VI.

A. E' acrescentado á elle. Cinco mais um, seis.

P. E um algarismo menor antes do maior, IX, por exemplo?

A. E' diminuido delle. Um tirado de dez, nove.

P. São tres casos differentes: algarismos eguaes juntos, II; algarismo menor depois do maior, XI; algarismo menor antes do maior, IX. Agora escrevam os algarismos romanos numeros seguintes: VI, X, III, VIII, XII, IV, XI, IX, X, V. Alina, venha escrever os numeros equivalentes em algarismos arabicos:

A. Já escrevi: 6, 10, 3, 8, 12, 4, 11, 9, 10, 5.

P. Vou escrever numeros para serem passados a algarismos romanos: 2, 2, 9, 11, 12, 4, 3, 10.

A. Prompto: V, II, IX, XI, XII, IV, III, X.

P. Delixarei scriptos no quadro negro os numeros de um a doze. Devrão ler bem esses numeros, vocês aprenderão facilmente a conhecer as horas no relógio, o que lhes ensinaré em outro dia.

III

Composição oral de cartas

Trata-se de um ponto do 3º anno, assim expresso: composição oral de cartas, para preparo da redação de cartas familiares e commerciaes.

Pôde-se considerar a carta, no curso primario, como a mais importante das composições. Para o exame final de lingua patria, no referido anno, eu somente exigiria do alumno que escrevesse com toda a clareza e correção uma carta familiar.

Professora. Qual dos alumnos já recebeu uma carta? **Alumna.** Eu recebi uma carta de papa.

P. Quem lhe entregou a carta, Laura?

A. Foi buscal-a na agência do correio.

P. A agência do correio recebe cartas para remetter ou para entregar a seus destinatarios. Quem entrega as cartas na cidade, Cecilia?

A. E' o carteiro.

P. As cartas vem dentro de um envelope, como este que lhes mostro. A carta é uma conversa scripta de grande valor, não só para as relações familiares, mas tambem para as relações commerciaes. Para escrever uma carta, pomos em primeiro lugar a data. Escreva a data aqui no quadro, Vicente.

A. Está scripta.

P. A carta é para o amigo Jorge. Você escreverá: Meu querido Jorge,

A. Já escrevi.

P. Sendo a carta uma conversa, deverá começar pelo cumprimento. Quem sabe? Você Laura, qual é?

A. Bom dia.

P. Está direito, mas geralmente não se usa assim. Escreva este que lhe digo.

A. Escrevi: Affectuosas saudações.

P. Agora, segue-se a prosa com o amigo. Desta vez eu mesmo irei escrevendo o que disserem. Comece Você Sebastião.

A. Nós estamos aprendendo a escrever cartas com a nossa professora.

P. Você, Margarida.

A. Ella nos disse que carta é uma conversa scripta.

P. Augusto, conte alguma coisa a respeito do progresso da cidade.

A. A cidade tem progredido bastante.

P. Que é o que ella possui, Ophelia?

A. Ella já possui muitos automoveis.

P. De que se lembra Você, Joaquim?

A. Vae possuir tambem uma fabrica de tecidos.

P. Celia, a cidade não vae ter mais uma estrada de ferro?

A. Estou trabalhando para trazer mais uma estrada de ferro.

P. E agora, fale alguma coisa da sua, Egenio.

A. Estou no terceiro anno do Grupo Escolar.

P. Continue, Eduardo.

A. Tenho muitos collegas e uma professora excellente, que é a D. Lydia.

P. Você Evlirao?

A. Vou á aula de manha com todo este trio.

P. Ruy, diga alguma coisa.

A. Tambem frequento a biblioteca, de que gosto muito.

P. Conclue a carta com um abraço, Eurico.

A. Receba um apertado abraço do amigo Eurico.

P. Rosalina, escreva a data da carta.

A. (Lê). Lavras, 24 de junho de 1925.

Meu querido Jorge

Afectuosas saudações.

Nós estamos aprendendo a escrever cartas com a nossa professora. Ella nos disse que carta é uma conversa scripta.

A cidade tem progredido bastante. Ella já possui muitos automoveis. Vae possuir tambem uma fabrica de tecidos. Estou trabalhando para trazer mais uma estrada de ferro.

Estou no terceiro anno do Grupo Escolar. Tenho muitos collegas e uma professora excellente, que é a D. Lydia. Vou á aula de manha com todo este trio. Tambem frequento a biblioteca, de que gosto muito.

Receba um apertado abraço do amigo Eurico.

Meu querido Jorge

Receba um apertado abraço do amigo Eurico.

Meu querido Jorge

Receba um apertado abraço do amigo Eurico.

Meu querido Jorge

Receba um apertado abraço do amigo Eurico.

IV

Lei 13 de Maio

Este ponto pertence ao 4º ano. Em Lições anteriores os alunos ouviram falar da escravidão no Brasil, e do trabalho feito para extinguí-la desde o abolição do tráfico africano.

Professora. Aqui está um quadro com a lei 13 de Maio de 1888. Leia, venha fazer a leitura da lei.

Aluno. (Lê em voz alta a lei).

Há quantos anos foi extinta a escravidão no Brasil, Irene? Faça a conta.

A. Há 37 anos.

P. Duraram muitos dias as festas, que então se fizeram por causa da libertação dos escravos. Nunca houve em nosso país um acontecimento, que despertasse no povo maior regozijo, e não devemos ter-las sempre a gloriosa data de 13 de Maio, lembrando-nos dos que mais trabalharam para abolicão, Otávio, venha escrever os nomes de alguns dos principiantes, tendo os nomes de alguns dos principiantes.

A. Já escrevi os nomes que o Sr. mandou: Luiz Gama, José do Patrocínio, Joaquim Nabuco, Ray Barbosa.

P. Luiz Gama era um negro, cuja história vou contar-lhes José do Patrocínio foi talvez o principal dos abolicionistas, incansável, na grande campanha, a qual ele consagrou sua admirável talento; Joaquim Nabuco distingu-se principalmente na campanha dos deputados como orador incedível em favor da liberdade dos escravos; Ray Barbosa, conhecido como o maior dos brasileiros, tem no programa um ponto especial a seu respeito. De quem mesmo promettem contar a história?

A. O Sr. prometeu contar-nos a história de Luiz Gama.

P. Luiz Gama nasceu na Bahia. Era filho de uma negra africana livre e de um homem importante. Seu pai o vendeu como escravo, quando elle tinha dez annos. Deu-se o facto de seguinte maneira: A casa, uma hora de tarde, o pai de Luiz Gama mandou vestir o filho, dizendo que ia dar um passeio com elle. Chegando ao cas, tomou o hote e dirigiu-se para uma embarcação, onde, depois de conversar com o commandante, retirou-se e ahí deixou o filho. Este, sempre vivo e esperto, quando viu o pai a afastar-se, entrou no hote, perguntou ao dono: «Então, meu pai, não me leva comigo?»

A. Não, porque me esqueci de alguma coisa em terra; voltarei breve e iremos juntos.

Foi então que Luiz Gama deitou, aproximou-se do bole, que se afastava, e exclamou:—Meu pai! O senhor me vendeu!»

O velho olhou-o por algum tempo, os olhos se lhe encheram de lagrimas, e deu ordem aos remadores que tocassem para terra.

A. Como se chamava o pai de Luiz Gama?

P. Luiz Gama era tio boni que não quiz nunca revelar o nome de seu pai.

E de depois?

P. Depois, Luiz Gama foi remetido como escravo a um negociante da cidade de Jandy, que se vendeu aos alheres Cardozo.

Este o levou com outros escravos para S. Paulo. Apenas com dez annos de idade, Luiz Gama teve que fazer a viagem de Jandy para a cidade de Campinas. Em casa dos alheres Cardozo elle aprendeu, além do officio de sapateiro, a lavar, engommar e costurar. Ahí aprendeu também as primeiras letras com um estudante, e obtendo provas de ser livre, fugiu e foi assentir praça. Tinha então dezesse annos.

Desde então foi livre e fez a vida de escravo.

P. Sim, elle ficou livre desde esse tempo. Serviu como soldado seis annos, durante os quaes entregou-se também a leitura. Mais tarde fez-se advogado, jornalista e grande propagandista da abolição. Por esta causa teve a sua cabeça a premio pelo laço de morte, e houve tempo em que não poderia ir de S. Paulo a qualquer ponto do Brasil.

Como defensor de escravos perante o jury, elle affirmava:—«Não se escravizem os negros, seja em que circumstancia for, mais em legitima defesa».

Em uma causa celebre, tendo a José Bonifacio como advogado contrario, Luiz Gama obteve a liberdade de mais de cem escravos.

Luiz Gama é um bello exemplo de quanto valem a bondade, o caracter e a energia. Vendido como escravo pelo seu proprio paiz, ignorante, pobre e perseguido, elle, apesar de tudo isso, tornou-se em S. Paulo um advogado importante e um cidadão estimadissimo, que alcançou a liberdade para mais de 500 escravos. Falleceu em 1882, quando contava 52 annos de idade.

Em outra aula será contada [por você] a historia de Luiz Gama.

V

O homem

É um ponto do 4º anno: «O homem: ornamentos, apparelhos e lanções, em roupas sumptuosas». A presente lição figura como sendo a primeira, que deverá ser seguida de outras para explicar o assumpto.

Professora. De que é coberto o nosso corpo, Manoel?

Aluno. O nosso corpo é todo coberto de pelo.

P. Elle não é revestido de pelle por fora, e tambem revestido de pelle por dentro. Diga-me o nome de murcha, a pelle de dentro. Para garantir a saúde e preciso trazer limpas e protegidas contra ferimentos e outros males a pelle das mucosas. Fara que te-seja inventado a roupa, Luiz?

A. Foi para a pessoa não ficar despida.

P. Inventou-se a roupa para proteger a pelle. O calçado e tambem indispensavel para protegi-la. Um dos grandes amigos da pelle é o banho diario, acompanhado de sabão. Agora, Manoel, ferindo-se a pelle, que é que se faz?

A. Ora, sae sangue.

P. O sangue em movimento entretém a vida, nutrido em diversas partes do corpo. Elle está directamente protegido pela pelle e pelas mucosas. Quando estas recebem alguim ferimento, é necessario laval-as com agua fervida e cobri-las com alguim limpo, convindo tambem passar tintura de iodo sobre a ferida. Diga assim, Leonor, a ferida é uma por-tinha aberta para entrar alguim inimigo do sangue.

A. (Repete).

P. Na cidade existe a canalização d'agua, que conduz esta liquido para as diversas ruas, servindo os habitantes. No caso de haver a circulação do sangue, que leva este ás diversas partes, nutrido os orgaos. A agua que em canal de ferro, o sangue corre em vasos sanguineos. O sangue correrá muito, Odilon?

A. Não sei, não.

P. O sangue corre muito depressa; elle não gasta muito minuto para dar uma volta completa, o que explica a rapidez de acção dos venenos ou de certos medicamentos. O sangue páde parar, Angelina?

A. Si elle parar, a pessoa morre.

P. Acontece ás vezes que a circulação cessa: a vida fica então suspensa. Elle, Carlindes? que beneficio nos de exercicio, produz a morte, e a vida humana. Quaes são os vasos, onde circula o sangue, Artilho?

P. Não são somente as veias, são tambem as arterias e os capillares. Vamos ver na figura que aqui está. Mas, é preciso mostra-lhes primeiramente o coração. Onde está elle, Catharina?

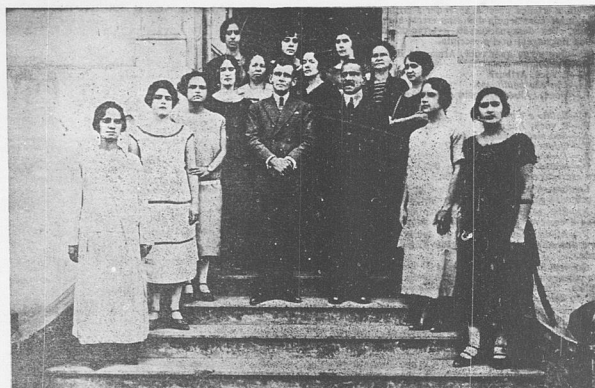
A. Não batendo aqui no meu peito.

P. O coração faz como um relógio, tique-taque, batendo de dia e de noite, sem dormir nem um instante. O coração é o que põe o sangue em movimento, provien delle as arterias, que distribuem o sangue nas diversas partes do corpo; ás veias servem para reconduzir o sangue ao coração; e os capillares são canaes finissimos, intercalados entre as veias e as arterias, ás veias e os capillares untem o coração, e as veias em traços azuis. Notaram vocês que o coração, as arterias, as veias e os capillares untem o coração?

A. Sim, elles trabalham juntos.

P. Sim, elles trabalham juntos. Em cada um concorem para o mesmo fim, formam um aparelho. O coração, as arterias, as veias e os capillares constituem o aparelho circulatorio, sobre o qual darei mais tarde outras explicações.

FIRMINO COSTA



GRUPO ESCOLAR DE CURVELLO
Director e corpo docente tendo á esquerda o inspector regional da circumscripção sr. Theodoro Chaves

LIÇÕES PRATICAS

CONTINUAÇÃO

A.—(Abalçando com a mão direita o dedo minimo da esquerda). *Concebi uma vez um linho cdo de nome Sultão (Abaixando o anilar). Não havia cho mais fler nem mais l'alt'ligeite que a mim. (Abaixando o mistio). Os seus donos o queriam muito. (Abaixando o indicador). Elles o possuam ha muito tempo.*

P.—(Trazendo os dedos da mão esquerda). *No caso de apresentarm mais do que tres ou quatro idéas para cada paragraho).*

Conte-nos, Alfredo, as habilidades do Sultão.

A.—(Trazendo o mesmo exercicio com os dedos). *Sultão tinha muitas habilidades (Desce o 1º dedo). A melhor dellas era ir buscar leite á chacara vizinha e trazer-o sem entornar. (Desce o 2º dedo). Ás vezes arriaba o pordeão fechado e então passava, com o leite no baldé. (Desce o 3º dedo).*

P.—Vae você, Arthur, continuar falando do gatinho.

A.—(Trazendo os dedos da mão esquerda). *No caso de Sultão havia um gatinho chamado Mini. (Desce o 1º dedo). Uma dia os donos da casa saíram e esqueceram de deixar comida para o Mini, que se pôe a mior. (Desce o 2º dedo). Sultão grita que elle roesse e o choro, nvo o gatinho era pequeno e não sahia por asso. (Desce o 3º dedo). Ah, Sultão o avarrou pelo peçoço e levou a chacara. (onde estouvava trazer o leite. (Desce o 4º dedo). A senhora da chacara deu-lhe bastante leite fresco para beber. (Desce o 5º dedo).*

P.—vgora, vae Artilho falar sobre a recompensa do Sultão

A.—Logo que os donos de Sultão voltaram á casa, receberam uma visita. (Desce o 1º dedo). Era a senhora da chacara vizinha. (Desce o 2º dedo). Elle contou-lhes a que Sultão fez. (Desce o 3º dedo). Os donos de Sultão ficaram tão contentes, que lhe compraram um bonito collar. (Desce o 4º dedo). Vamos todos ser bons para os nossos unhamos. (Desce o 5º dedo).

3º PASSO—Esta é a parte divertida para as crianças, pois nada lhes agrada mais do que representar.

Escolher-se-ão, em primeiro logar, os actores naturaes, (todas as classes os têm) deixando-se á classe a liberdade de suggerir as modificações.

Talvez o mais travesso da classe queira ser o sultão, e a boa vontade com que elle procura desempenhar o papel, nos fará mudar a opinião que delle formavamos.

Reprodução escripta

No dia immediato o assumpto é retomado. Guida-se da escola do titulo, recordam-se os paragrahos, repetem-se as recommendações, começa a lição escripta.

Uma figura recordada, o desenho dum cão, no cabeceiro da lição, eis a grande incentivo para se obter lição escripta.

Durante o tempo em que a classe estiver escrevendo, o professor a percorrerá, de carteira em carteira, assinalando os erros mais visiveis. Esses erros serão corrigidos immediatamente. Nenhuma correção feita pelo professor faz a criança ter consciencia dos erros, a não ser que essa correção seja feita no momento, sob sua vista.

E mais, a criança precisa aprender a criticar seu próprio trabalho, a ter consciência dos seus erros, e quando isso conseguirmos, eles desaparecerão e teremos atingido nosso alvo—boa linguagem oral e escrita.

P.—Que nome quer você, Armando, dar a esta lição?

A.—*Sulda.*

P.—E você, Arthur?

A.—*Um cão habilidoso.*

P.—Você, Alberto, como é que vai escrever na sua lição?

A.—*Sulda e o gatinho.*

E você, Augusto?

A.—*Sua melhor habilidade.*

P.—Quem sabe outro nome?

A.—*Recompensa ou prêmio.*

P.—Muito bem! O nome da lição chama-se *título*, e é sempre escrito em letra maiúscula.

Embravo-se você, André, onde é que se começa a escrever a primeira palavra de cada parágrafo?

A.—*Sim, senhora. Agora, eu não me esqueço mais. Começa-se a escrever a um dois dedos para dentro da margem.*

P.—Ainda bem que você se lembre. Não quero que nenhum dos meus alunos descuide disso, que é muito importante.

Conveni ainda se lembrarem que não é bonito repetir a mesma palavra muitas vezes, especialmente no começo dos parágrafos. Também não abusam do *era uma vez, do daí, do depois, do então*, etc.

Quero agora que Antonio venha ao quadro negro, para escrever a palavra *habilidade*.

A.—*(Vai ao quadro negro e escreve: habilidade.)*

P.—Aíctides vai escrever: *atentamente*.

A.—*(Escreve: atentamente.)*

P.—Serão escritas no quadro negro todas as palavras de orthographia um pouco mais difficil.

Vamos recordar depressa as diversas partes da história, que se chamam:

A.—*Parágraphos.*

P.—*Sim. Na primeira parte tratámos do...*

A.—*(Escreve: O cão.)* Na segunda, falámos de que?

A.—*A sua melhor habilidade.*

P.—*(Escreve: A sua melhor habilidade.)* E depois?

A.—*O gatinho.*

P.—*(Escreve: O gatinho.)* E por fim? Qual é o final da história?

A.—*A Recompensa de Sultão.*

P.—*(Escreve: Recompensa de Sultão.)* Agora, vamos escrever a história, lembrando-nos bem de todas as recomendações.

♦♦

O primeiro alumno a terminar, traz o trabalho á mesa do professor, que corrige os erros mais importantes. Esse primeiro discipulo senta-se com o segundo; o terceiro com o quarto etc. Trocam as lições e assignalam os erros encontrados. Numa folha separada fazem suas correções.

O alumno que encontrar maior numero de erros, poderá collar ou recortar as figuras para a lição seguinte.

Os alumnos que acabarem primeiro as correções, poderão escrever uma historietta a respeito dalgum cachorro concilio, para depois lre-la á classe.

E' de proveito collocar as melhores lições num lugar onde fiquem bem visiveis.

Depois de applicado esse processo a seis ou mais historietas, permitta-se aos alumnos a escolha do assumpto.

Deixe-se um delles contar a historietta á classe, fazer perguntas, organizar parágraphos etc., sem auxilio. Este trabalho de originalidade mostrará quando a criança assimilou.

Ter-lhe-emos dado material com que trabalhar e instrumentos com que fazer esse trabalho, e o que é melhor, ter-lhe-emos ensinado a fazer com tanto a reprodução oral como a escrita.

LINGUAGEM ESCRITA.

UMA CARTA.

XXX

Ensinar Linguagem escrita ás crianças, é incontestavelmente muito difficil. O professor deve, porém, procurar vencer todos obstaculos que se lhe apresentem no ensino, e cuidar com verdadeiro carinho das importante materia. Tratamos, hoje, de ensinar ás crianças o modo mais facil ao seu alcance, de escrever uma carta. Não ha mal algum que ellas recijam a sua primeira cartinha, mais ou menos igualmente ao modelo apresentado pelo professor. As normas copiadas pelos alumnos, são bases poderosissimas que elles mais tarde ampliarão com os seus estudos superiores. Depois da classe convenientemente preparada, segundo as boas regras de disciplina, o professor começará a sua aula.

Professor.—Muitos attenção! Quero vir sobre as cartinhas só a pasta, o caderno de linguagem e a caneta. Vocês todos sabem que hoje é dia...

Alunos.—20 de maio.

P.—De que anno é?

A.—Do anno de 1924.

P.—Todos sabem tambem que no dia 21 de junho, isto é, no mez seguinte, começarão as...

A.—As férias.

P.—Que terminarão no dia...

A.—No dia 20 de junho.

P.—Muito bem! Attenção! Vocês vão hoje escrever a primeira cartinha. Sendo assim, quero que ella seja escrita aos seus papas. Supponhamos que elles não moram aqui em S. Paulo; reside um em Santos, outro em Itá, outro em Rio Claro, etc. Supponhamos ainda que vocês estejam morando em casa dos parentes, afim de se educarem. Como já sabem, no dia 21 de junho, começarão as férias, e assim sendo, é natural que vocês vão passar os dias de descanso juntos de seus paes e irmãos. Cada qual de vocês irá escrever uma cartinha ao seu papae, dizendo-lhe, mais ou menos, o seguinte:—No dia 21 de junho começaro as férias de inverno e por isso irei até aqui para descansar um pouco das luctas do estudo. Partirei daqui pelo trem das 9 horas, e peço ao meu papae a favor de ir esperar-me na estação. Estou muito contente, pois o meu professor gosta muito de mim e disse que eu sou estudioso e trabalhador. Assim sendo, espero passar no fim do anno, para o 1.º anno medio. Estou ansioso por chegar logo o dia 21 de junho, para poder abraçar o papae e a mamae e brincar com os irmaõzinhos os bonitos jogos que aprendi aqui na escola. Para terminar, envio saudades e abraços á bondosa mamae e aos caros irmãos. Um forte abraço á filha que lhe quer bem, JoJo. Entenderam?

A.—Entendemos, sim, senhor.

P.—Bem, Attenção! Eu vou repetir. (O professor repetirá duas ou mais vezes e depois fará diversos alumnos re-produzirem o assumpto, auxiliando-os, corrigindo-os, etc.). Muito bem! Todos estão, entenderam o que devem mandar dizer na carta?

A.—Entendemos, sim, senhor.

P.—Sempre attenção! Vocês precisam saber que no primeiro linha do papel, quando se escreve uma carta, põe-se o nome do lugar onde se está e o dia, mez e anno em que se escreve. De modo que na primeira linha vocês escreverão... (Vocês vão no quadro escrever: "S. Paulo, 20 de maio de 1924"). Escrevam todos. Leia você, Luiz.

A.—"S. Paulo, 20 de maio de 1924".

P.—Muito bem! Sentese. (Assim fará com outros alumnos). Muita attenção! Agora, na segunda linha do papel, vocês vão escrever o endereço, isto é, para quem vão escrever. Eu lixe que escreverem uma carta.

A.—Ao papae.

P.—Bem, Então, você, na segunda linha, pdeem escrever qualquer dos seguintes endereços:—"Meu caro papae, Meu adorado papae, Estimado papae, Bondoso papae, Meu bom papae, Meu amado papae, Papae, etc.". Não quero que escrevam todos a mesma coisa. Eu vou escrever na segunda linha "Meu caro papae". Agora, cada um de vocês escreverá um modo. Escrevam todos, mas, já disse, não quero todos os endereços eguaes. Leia, JoJo.

A.—"Meu bom papae".

P.—Adeante, Milton.

A.—"Meu adorado papae".

P.—Muito bem! (Assim fará com outros alumnos e poderá mesmo escrever ao lado do modelo, os diversos modos de endereçar a carta, orientando as crianças). Continuem a prestar muita attenção! Agora, na terceira linha, vá a saudação, o cumprimento. Ahi vocês poderão escrever:—"Saudades, Saúde, Saudades, Abraços, etc.". Eu vou escrever—"Saudades". Cada um de vocês escreverá de um modo diferente. Todos escrevam. Leia você, José.

A.—"Abraços".

P.—Está bem. (Fará outros alumnos lreem, irão ao quadro negro e escreverão ao lado do modelo os diversos modos de saudação.) Agora, vão, vocês escrever o assumpto, que todos já sabem, não é assim? Antes, porém, uma coisa ainda quero avisar. Quando se escreve uma carta ao papae, só se emprega:—"Senhor, lha, sua, sua", e nunca "voce, vós, ltu, etc.". Eu vou escrever o modelo no quadro negro, mas, vejam bem!—não quero que copiem igualmente. Vão-se guiando por elle, mas procurarão mudal-o o mais possível (O professor verá se quer e escreve uma nórma para modelo.) Agora, escrevam. (Depois que a classe acabar de escrever, fará diversos alumnos lreem o que escreveram.) Muito bem! Estou contente, porque todos escreveram. O Luiz não mudou quasi nada, mas não faz mal; outra vez elle escreverá melhor, não é assim?

A.—E', sim, senhor.

P.—(Fiscalizará todos os trabalhos.) Então, Pedro, que é isso? Pensei que vocês escreveram e vocada não fez?

A.—Eu não sei escrever.

P.—Não se deve dizer nunca "não sei". Você parece estar com preguiça... Como seus collegas escreveram? Nin-

guem nasceu sabendo. Cada um faz o que pôde. Si não sabe escrever diferente, copie ao menos. Vamos!

(Ha alumnos que não conseguem escrever nada; nesse caso, deve-se obrigar-os a copiar, pois assim lreão aprendendo.) Que é isso, Renato? Você está escrevendo para seu tio? Eu quero que escreva a seu papae.

A.—Eu não tenho papae.

P.—Colladinho! Mas, supponhamos que o seu papae ainda viva. Eu quero que você escreva ao papae. Muita attenção, esteja bastante; você precisa ter muito juizo, ser muito bom, para ajudar logo a sua mamae, não é assim?

A.—E', sim, senhor.

P.—Bem. A carta está quasi prompta. Agora, depois do assumpto, não tendo mais nada para dizer, vocês lreão terminal-a, e para isso terão que se despedir do papae. Depois da despedida, então, vocês escreverão seu nome, mas basta o primeiro nome. Fara os paes, paesões de casa e amigos, não se poderá terminar assim:—"Abraços mil do filho que muito o estima, Lido". O João poderá escrever:—"Pede-lhe a benção o filho muito amado, Joatuzinho". O José escreverá:—"Saudades do filho que o quer muito, Juca". Eu vou escrever no differentemente. (O professor poderá escrever ao lado do modelo as diversas maneiras de fechar uma carta. Fará depois alguns alumnos lreem o que escreveram.) Muito bem! A carta está prompta. Quem quer lre-la?

A.—Eu, eu, eu.

P.—(Fará diversos alumnos lreem a carta que terminaram, corrigindo-os, auxiliando-os, etc.) Na proxima aula passaremos a limpo a primeira cartinha que vocês escreveram. Quem é?

A.—Sim, senhor; quero-lhes.



6.1

Grupo Escolar «Alfonso Penna» — Alumnos em recreio

quando um *test* é feito apropriadamente há evidentes diferenças, mas não tão grandes como na hipótese acima, em que há alunos que nada responderam e alunos que responderam quase tudo. Ele foi imaginado somente com o fim de mostrar como mesmo quando há tanta diversidade de resultados, pode-se determinar um número para servir de média, segundo o método Pressey. Ele me pareceu o mais simples de quantos propósitos, e realmente deu excelentes resultados: foi rapidamente apreendido pelas professoras, e sendo uniforme, pôde permitir a comparação, que era o nosso objetivo.

Vejamos agora quais os *tests* empregados. Eles devem ser feitos em este ano em larga escala por outros os resultados definitivos sobre seus valores como padrões. Para cada *test* há um tempo fixado e a média obtida. É inútil reproduzir o quadro com os resultados. Aconselhamos às professoras que antes de submeter estes *tests* ao exame de suas classes, façam primeiro alguns pequenos exercícios com *tests* organizados tomando estes como modelo. Nessas experiências preliminares não há grande importância que os *tests* que as professoras organizarem sejam mais difíceis ou mais fáceis, visto como o seu objetivo é somente o de habituar os alunos a este gênero de trabalho. Quando estiverem treinados, então submetam-nos ao *test* respectivo, aqui proposto.

Em qualquer dessas experiências não façam as crianças escrever *test* que elas mesmas lerão de responder. *No impossibilidade de ler quem os escreva a máquina, podem fazer com que os alunos de umas turmas escrevam com boa caligrafia para os outros.*

Os *tests* a serem fornecidos para as experiências oficiais devem, a meu ver, ser impressos, em tipos bem legíveis. Nama e nostra hipótese devem eles constituir volantes, que a professora deve distribuir depois de ter dado todas as explicações a respeito. O melhor é deixar os alunos em seus lugares e fazer a distribuição *in loco*, com a recomendação de que manter o volante voltado de modo a que não concem a ler senão quando todos estiverem com o material necessário. Nesse momento então a professora, marcando no relógio a hora, dá o sinal de início do trabalho e o tempo que tiver sido marcado a professora dá o novo sinal para a conclusão do trabalho. O melhor meio de fiscalizar o início e o fim para que todos comecem e acabem ao mesmo tempo, é ordenar a medida que se vai distribuindo cada volante e os alunos mantemam o braço para o ar até o sinal do início, e o suspenda assim que for dado o sinal de conclusão.

Os *tests* abaixo representam experiências em pequena escala. Somente o resultado das experiências em grande escala é que poderá orientar a comissão sobre as modificações a introduzir nelas.

TEST DE LINGUAGEM

3º ANNO

Assumpto: concordância de verbo e sujeito. Tempo: 2 minutos.

Resposta: Sublinhar a palavra certo ou errado segundo haja ou não concordância na phrase respectiva.

Nós brincamos	cerro errado
tu diz	cerro errado
ellas estada	cerro errado
eu rasgo	cerro errado
nós escreve	cerro errado
vós disseste	cerro errado
tu mandaste	cerro errado
nós toi	cerro errado
ellas faz	cerro errado
vós trabalha	cerro errado
ellas tem	cerro errado
vós sonbeite	cerro errado
vós grita	cerro errado
tu obedeceste	cerro errado
nós falará	cerro errado
ellas andará	cerro errado
ellas vestem	cerro errado
nós dormiu	cerro errado
tu quebra	cerro errado
ellas erra	cerro errado

TEST DE LINGUAGEM

3º ANNO

Assumpto: concordância de verbo e sujeito (emprego de pronomes pessoais).

Tempo: 2 minutos. Resposta: Sublinhar o verbo que concorda com o pronome proposto.

Média das turmas experimentadas: 15.

eu	(estudo, estudamos, estuda, estudam)
elle	(brincaste, brincaram, brinca, brincaram)
nós	(comerei, comerei, comeram, comeremos)
elles	(lavas, lavas, lava, lava)
tu	(li, limes, leste, lemos)
tu	(saltei, saltamos, saltamos, saltaram)
eu	(disseste, disseste, disseram, disseram)
tu	(falo, falamos, falas, fala)
tu	(andei, andaste, andastes, andamos)
eu	(correram, correste, corri, corree)
tu	(bebe, bebe, bebemos, bebemos)
elles	(pintamos, pintaste, pintou, pintou)
eu	(choras, choro, choramos, chora)
tu	(dormi, dormiste, dormimos, dormiu)
elle	(dançar, dançará, danparemos, dançaram)
elles	(jogastes, joguei, jogamos, jogara)
tu	(passou, passaste, passaste, passamos)
vós	(dizem, dizem, dizem, dizem)
tu	(juraste, jurou, jurei, juramos)
eu	(sabem, sabem, sabe, sabem)

TEST DE LINGUAGEM

3º ANNO

Assumpto: concordância de verbo e sujeito (emprego de pronomes pessoais).

Tempo: 2 minutos. Resposta: sublinhar o pronome que concem ao verbo proposto.

Média das turmas experimentadas: 14.

ensiei	(tu, elle, tu, nós)
brincaste	(vós, tu, eu, nós)
levam	(eu, nós, elles, ellas)
comerás	(elles, tu, nós, vós)
cantava	(nós, ella, vós, tu)
temos	(tu, nós, vós, elle)
três	(tu, nós, eu, elle)
estudou	(elles, eu, tu, eu)
tu	(eu, vós, tu, nós)
correram	(nós, nós, elles, tu)
dormes	(ella, tu, nós, vós)
faltamos	(nós, tu, eu, elle)
faz	(vós, elle, nós, tu)
quizestes	(elles, vós, eu, nós)
ceremos	(ella, eu, vós, nós)
cahiram	(eu, tu, elles, nós)
choron	(vós, eu, tu, ella)
passete	(nós, eu, tu, elles)
partireis	(vós, elles, ellas eu)
escreverás	(nós, tu, elles, vós)

TEST DE LINGUAGEM

3º ANNO

Assumpto: Tempos de verbo. Tempo: 2 minutos.

Resposta: sublinhar o verbo que corresponde ao termo indicado.

Média das turmas experimentadas: 16.

Futuro	(estudo, estudadareis, estudo)
Presente	(brinco, brincas, brincamos)
Passado	(correste, correa, correrás)
Presente	(leu, lera, lê)
Futuro	(estudo, estudarás)
Passado	(estivemos, estivamos, estarmos)
Presente	(escreveres, escrevamos, escreveres)
Futuro	(dizes, disseste, dirás)

Presente	(lavara, lava, lavou)
Passado	(beberam, bebem, beberão)
Futuro	(almocel, almoco, almoçarei)
Passado	(trabalhava, trabalhastes, trabalhareis)
Presente	(falo, fala, fala)
Futuro	(ganhá, ganhe, ganharei)
Passado	(viveram, viverá, viverem)
Presente	(partiu, partira, partiu)
Presente	(dividiste, divides, dividirás)
Futuro	(brigou, brigá, brigará)
Futuro	(desenhava, desenhastes, desenhás)
Presente	(podesse, poderes, pudés)

TEST DE LINGUAGEM

3º ANNO

Assumpto: adjectivos qualificativos. Tempo: 2 minutos.

Resposta: sublinhar os adjectivos qualificativos. Média das turmas experimentadas: 11.

Esta escola é muito boa, tem salas espaçosas, salas, arcações e grande patio para recreio. Que bella rosa é tu chorosa e de cor tão clara e colhi-a agora mesmo e vou oferecer-lha á minha querida mezinha. Firibango tem clima excelente. Estas creanças para all form docetes, paldas, magrinhas, e voltaram fortes e coradas.

Nesta classe ha meninos estudiosos; mas ha outros... tão vaidos...

Laura ganhou um vestido novo e bonito e agora não quer vestir outro. Como é vaidosa!

TEST DE LINGUAGEM

3º ANNO

Assumpto: exercicios ortographicos. Tempo: 1 minuto.

Resposta: sublinhar os erros de orthographia. Média das turmas experimentadas: 7.

Uma bassia de longa: sceenta pires e des pratos, foi tudo que maria encontrou no portico que estava por cima do seu. Ella era medrosa e não comia, por esta razão sozinha nas acinqua que a jente veio, ella quiz jantir e tambem quiz dormir.

Test de linguagem

4º ANNO

Assumpto: antonymos. Tempo: 2 minutos.

Resposta: Sublinhar entre as quatro palavras ao lado a que for antonymo das palavras da primeira columna.

Test.

- 1- AMOR - despozar - amizade - odio - afecção.
- 2- CREDOR - inquilino - pagador - devedor - proprietario.
- 3- SYMPATHIA - amizade - dedicação - odio - antipathia.
- 4- PAZ - barullo - combate - guerra - batalha.
- 5- RECEITA - economia - dinheiro - despoza - medico.
- 6- VIRTUDE - vicio - preguica - joza - maldade.
- 7- ALGUA - barullo - calma - trizta - socego.
- 8- VERDADE - falsidade - mentira - maldade - certeza.
- 9- PRINCIPIO - meio - fim - parte - pedago.
- 10- LUZ - noite - treva - escuro - silencio.
- 11- ULTIMO - final - afastado - distante - primeiro.
- 12- RISONHO - alegre - choro - serido - calado.
- 13- AZEDO - amarelado - doce - amargo - pososo.
- 14- VERDADEIRO - falso - injusto - desleal.
- 15- MAXIMO - pequeno - minimo - grande.
- 16- CONVALESCENTE - ajuda - bom - justo.
- 17- INTERNO - fora - externo - dentro - saliente.
- 18- CONGAVO - convengo - curso - uso - refugio.
- 19- OPULENTO - rico - avaro - pobre - miseravel.
- 20- JOVIAL - tristeza - quieto - socego - tranquillo.

Test de Linguagem

4º ANNO

Assumpto: synonymos. Tempo: 2 minutos.

Resposta: Sublinhar nas palavras que estão entre parentese as que seja synonymo da da primeira columna. Média das turmas experimentadas: 15.

- TESTE.
- DISTANTE — (longe — tarde — mal — cedo)
 - RISO — (delgado — triste — valente — cheio)
 - BALUJO — (caidade — inuço — bondade — cançoço)
 - BARULLHO — (ordem — ruido — trabalho — silencio)
 - CORRIGIR — (prender — prever — emendar — segurar)
 - SOFFRIR — (ordenar — gritar — padecer — fallar)
 - AMUO — (pesado — vicio — frio — pequeno)
 - ENTRE — (porta — machina — ser — livro)
 - BRANCO — (alvo — escuro — verde — azul)
 - CAMARADA — (rico — companheiro — animal — professora)
 - SOBERBO — (fco — bondoso — orgulhoso — humilde)
 - BRANCO — (alvo — escuro — verde — azul)
 - ALGRIA — (amizade — confiança — joza — tristesa)
 - CONDEMNAR — (estimar — reclamar — reprovor — temer)
 - COMENTAR — (cohrir — jogar — fallar — satizar)
 - ROGAR — (apellidar — armar — supplicar — apreciar)
 - ACTIVO — (vagaroso — arditoso — diligente — zangado)
 - SUPPLICO — (emio — no — dever — desordenar)
 - DISCUSSAO — (obrigação — direccão — alteração — brava)
 - DIARIO — (nocturno — quotidiano — annual — mensal)

Test de Linguagem

4º ANNO

Assumpto: vocabulario. Tempo: 1 minuta.

Resposta: sublinhar entre os substantivos de cada linha qual a que concem ao collectivo da primeira columna. Média das turmas experimentadas: 16.

Test:

- Alcãdo — de galos, selvagens, lobos.
- Bando — de sardinhas, aves, tigres.
- Cambalo — de crianças, carneiros, rapos.
- Carroço — de boi, cavalo, peixe.
- Corvãna — de andorinhas, carneiros, viajantes.
- Ceffile — de malandras, camélos, ladres.
- Camãdo — de malliceiros, ciganos, soldados.
- Chusmo — de moscas, gente, criãdo.
- Exãmo — de marcos, honores, abelhas.
- Lot — de alumnos, pessoas, objectos.
- Mãnda — de cavallos, bois, burros.
- Mãthã — de vãdios, prãtes, ctes.
- Nãvem — de pó, animes, salcadores.
- Rãbãno — de leões, ephantes, ovelhas.
- Rãvãdo — de uvas, bananas, cãbãas.
- Vãrã — de cabras, porcos, jumentos.

Test de Linguagem

4º ANNO

Assumpto: pontuação. Tempo: 1 minuta.

Resposta: collocar a pontuação devida. Média das turmas experimentadas: 12.

Test:

O Sol é a fonte da luz do calor da energia do movimento e da vida.

Logo que o sol despoza alegre-á a natureza.

Uma criança que salta que se tri que brinca é uma risonha auro.

Escute cara meninos as palavras da vossa professora.

As estrelas que julgamos tão pequenas são maiores que o sol.

Mario o melhor alumno da classe faltou ao exame por estar enfermo.

Test de Linguagem

4º ANNO

Assumpo: *pontuação*.
Tempo: 2 minutos.
Resposta: *colocar a palavra regular ou irregular segundo convenção ao verbo proposto*.
Média das turmas experimentadas: 10.

Test:

Hontem paizo eu ouvi um senhor em um discurso falar naquelles que muito amam a Patria.
Pois ha alguem que ama a Patria mais que outros.
Sim Julio O ladrão o assassino aqueles que se lançam no opprobrio e que por isso chamam o desprezo sobre sua pessoa e origem estão amam a Patria.
Amam a Patria Julio aquelles que provam este amor procurando eleva-se ao sacrificando-se por ella

Test de Linguagem

4º ANNO

Assumpo: *sujeito e predicado*.
Tempo: 2 minutos.
Resposta: *assignatar o sujeito*.
Média das turmas experimentadas: 11.

Test:

Ele foi passear
As creanças brincam no recreio
Pedro enlino a Paulo
Tua irmã é habilitada
Belas avenidas tem o Rio
Você é uma boa collega
As duas horas partiram os viajantes
Portofofo é um lindo arrabalde
Estes meninos são bons exemplos
Bataquaco explica muito assucar
A população do Brazil augmenta sempre
E' bem iluminada esta cidade
Nesta escola trabalham todos com gosto
O oceano Atlantico banha o Brasil
Tua não deve ser orgulhosa
As filhas desta senhora são caridosas
O café a nossa principal riqueza
Muita borracha tem o Amazonas
A flora deste paiz maravilha os estrangeiros
O governo republicano começou, aqui, em 1889.

Test de Linguagem

5º ANNO

Assumpo: *analyse grammatical*.
Tempo: 2 minutos.
Resposta: *sublinhar a palavra regular ou irregular segundo convenção ao verbo proposto*.
Média das turmas experimentadas: 17.

contar	regular	irregular
poter	regular	irregular
fazer	regular	irregular
esconder	regular	irregular
dar	regular	irregular
trazer	regular	irregular
dizer	regular	irregular
estimar	regular	irregular
ver	regular	irregular
querer	regular	irregular
dividir	regular	irregular
ver	regular	irregular
por	regular	irregular
mandar	regular	irregular
reoludar	regular	irregular
saber	regular	irregular
subir	regular	irregular
chorar	regular	irregular
caber	regular	irregular

Test de Linguagem

5º ANNO

Assumpo: *analyse logica*.
Tempo: 2 minutos.
Resposta: *dividir os periodos compostos nas suas respectivas orações*.
Média das turmas experimentadas: 14.

Test:

Paulo correu no jardim e cahiu. Hontem fomos ao Convado. Recomendou a teu irmão, que não faltasse hoje a escola. Age sempre com prudencia; não uses nunca da violencia. Aquella criança deu um emola ao pobre. Amal-vos uns aos outros. Não faças a outro e o que não queres que te façam. Procura os bons, foge dos más. Os tíos e primos de Helena partiram para Minas. Os animas sentem, vivem e morrem.

Test de Linguagem

5º ANNO

Assumpo: *analyse grammatical*.
Tempo: 3 minutos.
Resposta: *sublinhar os verbos irregulares*.
Média das turmas experimentadas: 12.

Test:

Digo a verdade; faço o que devo
Ella escreve bem e não lei mal
Não venhas amanhã a escola
Eu entrava quando elle partiu
Quizera viver sempre aqui
Recebi uma carta do estrangeiro
Si eu vir tua mãe, darei o recado
Trabalha quando moço, terá descanço na velhice
Quando soube do caso, já era tarde
Aquelle estudante tirou um premio
Yanos á escola diariamente
O mestre ceusouo teu procedimento
Trousemos tudo que pediste
Elles erram quando fallam
Entrevimos sempre a teu lado
No campo respiramos ar puro
Não percas a esperança de vencer
Estas crianças estudam com gosto
Ouve sempre os bons conselhos
Não gosto de faltar ás aulas.

Test de Linguagem

5º ANNO

Assumpo: *pontuação*.
Tempo: 3 minutos.
Resposta: *colocar nos devidos logares os signos da pontuação convenientemente*.
Média das turmas experimentadas: 16.

O que de bello virou Onde o compraste
Disse-lhe a mestra estuda minha filha que terás a recompensa
Maria leve o chapéu os livros os lapis os cadernos e a merenda de Alfredo
Tronxeste laranjas Não tronxue lindos pecegos do Rio Grande
Este menino brinca corre grita salta pula o dia inteiro
Como é travesso
Quem te disse minha amiga que eu gostava de

Test de Linguagem

6º ANNO

Assumpo: *pontuação*.
Tempo: 2 minutos.
Resposta: *colocar nos devidos logares os signos da pontuação convenientemente*.
Média das turmas experimentadas: 8

Test:

Ah se me fosse possível levar-te comigo Laura
Ouve este conselho não deixes para amanhã o que puderes fazer hoje.
Não exclamou o pae não quero que andem em tal commanlia
Helena queres ir ao jardim colher rosas cravos violetas dahilas e jasmims Vae minha filha e volta depressa
Que bellas vistas Serão todas a cidade do Rio
Um fazendeiro tinha um bezerro e a mãe do fazendeiro tambem era o pae do bezerro

Test de Linguagem

6º ANNO

Assumpo: *grammatica—significado de palavras homonymas*.
Tempo: 3 minutos.
Resposta: *collocar no parenthesis vasio o numero do significatido que correspondea a palavra*.
Média das turmas experimentadas:

Test:

- | | |
|---|----------------|
| (1) Dar a fórma de anel | () accender |
| (2) desajar com anciedade | () ascender |
| (3) pôr fogo | () anhelar |
| (4) subir, eleva-se | () anclar |
| (5) perseguir, apanhar animas | () apreçar |
| (6) tornar nulla uma sentença | () apressar |
| (7) dar pressa | () casar |
| (8) ajustar o prepo | () cozer |
| (9) perder a vida | () cegar |
| (10) ceilar, cortar | () segar |
| (11) preparar ao lume | () annular |
| (12) tirar por meio de pontos | () annular |
| (13) ter apparencia | () annular |
| (14) estabelecer parentesco | () annular |
| (15) torrar nullo | () apparentar |
| (16) semelhante a anel | () apantear |
| (17) fechar | () expiar |
| (18) separar, cortar, com a serra | () espirar |
| (19) apretar | () serrar |
| (20) remir culpa ou crime por meio de castigo | () cerrar |

TEST DE LINGUAGEM

6º ANNO

Assumpo: *leitura silenciosa*.
Tempo para a leitura: 3 minutos.
Tempo para a resolução do test: 1 minuto.
Resposta: *Dapois de terem lido silenciosamente (ler só com os olhos) as quadras propostas, responder as perguntas do test sublinhando as respostas que coeren.*

(A distribuição pôde ser feita ao mesmo tempo dos duas voltantes; o que contém as quadras e o que contém as perguntas, desde que sejam numeradas e os alunos sejam prohibidos de abrir o volante das pergunta enquanto não tiverem chegado o primeiro. Outro meio—este mais commodo—é o de ter a assencia dos alumnos, escripto o texto a ler no quadro negro, mantendo-o voltado. Quando todos os alumnos tiverem lido a explicação do assumpto do test—virar o quadro negro e deitá-lo exposto durante os tres minutos (ou mais conforme o texto). Ocultar em seguida o texto, distribuir as perguntas com os cuidados e recommendações necessarias para que a sua leitura só se faça á voz de commando e dar para a sua resposta o tempo que for estimado e necessario. No texto proposto abaixo bastou 1 minuto.)

Média das turmas experimentadas: 8.

O texto a ler:

- | | |
|--------------------------|-------------------------------|
| 1º | 2º |
| Um cavallo pouco amavel | Ao peo de ruide carga |
| Certo burro acompanhava; | Quasi o burro succumbia |
| O cavallo no costado | E, entre arquejos, ao cavallo |
| Sómente arrejos levava. | Alguem auxilio peia. |

3º

...Não é descortez me rogo
(Diria ao seu companheiro)
Metade de minha carga
Ser-vos-á farto fiegero.

6º

Temo esticar a cabeça
Antes que chegue á cidade
De finar-me arrebedado
Livra-me, por piedade!.

As perguntas:

Qual dos dois animas ia mais carregado? — O cavallo — ou o burro?
Qual dos dois pediu auxilio? — O cavallo — ou o burro.
Porque pediu auxilio? — ao muito carregado — pouco carregado.
Que temia o burro? — Demorar-se no caminho — morrer — cançar-se.
Como respondeu o cavallo? — Prejuro auxilio — recusou.
Chegou o burro á cidade? — Sim — não.
Quando se arrendeu o cavallo? — Tarde — cedo.
Que lhe aconteceu? — Sua carga diminuiu — augmentou.
Que se conclue dahi? — Não é por muito madragar que se accorda mais cedo: devem todos no mundo mutuamente auxiliar-se; sente prazr dobrado quem logra o logradouro.

TEST DE LINGUAGEM

6º E 7º ANNOS

Assumpo: *Associação de idéas*.
Tempo: 3 minutos.
Resposta: *Associação de idéas*.
Associações: — As experiencias de associação de idéas servem para que se conheça o vocabulario dos alumnos. Ellas podem ser feitas com qualquer anno — a partir do 3º anno — e a verdade deveriam ser systematicamente feitas antes que se organize os demais tests para saber-se exactamente que especie de vocabulario se pôde contar nos alumnos daquelle anno para o qual se prepara o test. No anno passado as nossas experiencias foram feitas em um anno em duas escolas (Escola de Applicação e Escola Joaquim Nabuco).

Essas experiencias consistem no seguinte. Distribuem-se pedacos de papel em branco e lapis aos alumnos. Explicam-se-lhes que elles tem de escrever em um tempo certo — tres minutos por exemplo — o maior numero de palavras possivel, tendo cada qual della um ponto de semelhança com a immediatamente anterior. Da-se-lhes um exemplo e faz-se verbalmente a associação rapida, como por exemplo: cebola — cozinha — carne — acouque — boi — chique — pente — toilete — etc., etc.

Nas associações essas que os psychologos chamam do typo linear, isto feito, dá-se aos alumnos uma palavra inicial e os alumnos commo a escrever. Quando tiverem esado os 3 minutos bate-se palmas, e todos os alumnos devem immediatamente levantar os braços para o ar.

Recolhem-se os papéis e faz-se o estudo das associações.

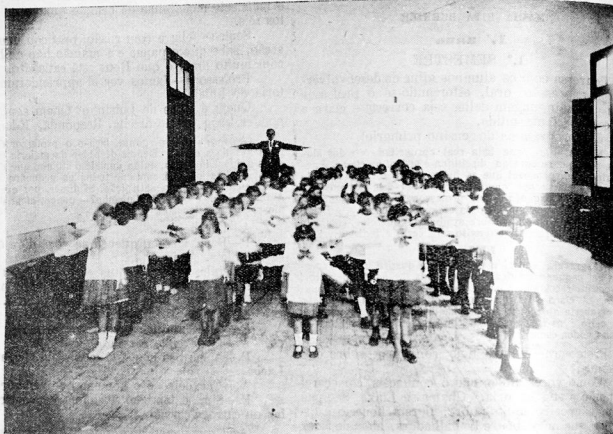
A titulo de curiosidade aqui juntamos alguns resultados obtidos nas escolas supra mencionadas.

ESCOLA JOAQUIM NABUCO

7º ANNO

Isabel do Prado

ESCOLA—livros—professor—pupilo—campanha—porto—casa—rua—bonde—automovel—passado—malto—morrão—natureza—payage—quero—o pintor—arte—esculptura—exposição—galerias—Avenida—transentes—modas—costureira—tesoura—agulha—linha—deda—molete—braco—lombo—caca de banana—arvore—raiz—tronco—folhas—livo—contão—autor—romance—aventura—fuga—trem—vapor—mar—onda—prala—porto—cidade—capital—paiz—ilha—continente—



O GRUPO ESCOLAR DE CALDAS, em 14 de Julho de 1925. — O Director, José Alfredo Silva.

Pensem todos. Eu vou arguir.
 A.—Eu já sei!
 A.—Eu já pensei!
 P.—Não falei todos ao mesmo tempo. Quem souber, erga apenas a mão direita. Assim. Responda, Alberto.
 A.—A mãe de Luiz lavava a roupa de casa.
 P.—Francisco.
 A.—A mãe de Luiz regava os lindos repolhos da horta.
 P.—Eduardo.
 A.—A mãe de Luiz cosia a roupa do filho d'ella.
 P.—Diga assim:—A mãe de Luiz cosia a roupa de seu filhinho.
 A.—(Repete a phrase).
 P.—Que faz aqui o Luiz? Maria?
 A.—Está esperando o pae levantá.
 P.—Então, Maria, é assim que se responde?
 C. Um saê corrigir os erros de Maria?
 A.—A. Eu... eu... eu...
 P.—Quem souber, dê apenas o signal indicado.
 Lucio, que foram os erros de Maria?
 A.—Ella disse esperano e é esperano.
 P.—Qual foi o outro erro, Sylvia?
 A.—Disse levantá em vez de levantar.
 P.—E não é só isso. E' preciso dizer levantar-se. A phrase correcta é assim. Está esperando o pae levantar-se. Está esperando que o pae se levante.

Mas vejamos:—Porque será que o Luizinho se mostra tão alegre? Responda, Luis.
 A.—Porque fez o serviço do pae.
 P.—Porque será, Carlos?
 A.—Porque sabe que o pae vai ficar contente.
 P.—Repita a phrase, Carlos, pronunciando mal uma palavra.
 A.—Porque sabe que o pae vai ficar contente.
 P.—Agora, sim. Nunca se diz: ficá, andá fala, vendê, corrê.
 São erros muito graves. Devemos dizer: ficar, andar, falar, vender, correr. E' tambem muito errado dizer-se: andano, falano, vendeno, pedino, etc. O direito é: andando, falando, vendendo, pedindo, etc. Vamos ver si comprehenderam. Eu farei a pergunta desta fórma: Luizinho espera. Luizinho está...
 Toda a classe responderá: Esperando. Começamos: A mãe de Luizinho varre. A mãe de Luizinho está...
 A. A.—Varrendo.
 P.—A mãe de Luizinho cose. A mãe de Luizinho está...
 A.—Cosendo.
 P.—A mãe de Luizinho trabalha. A mãe de Luizinho está...
 A. A.—Trabalhando.
 P.—Luizinho sorri. Luizinho está...
 A. A.—Sorrindo.

P.—Muito bem. Luizinho carregou carvão. Luizinho acaba de...
 A. A.—Carregar carvão.
 P.—Luizinho vendeu dez saccos. Luizinho acaba de...
 A.—Vender dez saccos.
 P.—Luizinho ganhou onze mil réis. Luizinho acaba de...
 A.—Ganhar onze mil réis.
 P.—Bem, mas continuemos. Porque motivo o Luizinho se poz a carregar carvão? Você, Lysio.
 A.—Porque o pae tava doente.
 P.—Não é assim que se fala. Quem pôde corrigir a phrase do Lysio? Ninguém sabe? Responda, Mercês.
 A.—Elle disse tava e é estava.
 P.—Acertou, Mercês. E' grande erro dizer-se: eu tou, elle tava. Devemos dizer: — eu estou, elle estava. Façamos o seguinte: Eu perguntarei e toda a classe responderá; estive, estou, está, conforme a phrase.

Vamos lá: Eu hoje estou aqui. Eu hontem...
 A. A.—Estive aqui.
 P.—Eu estou contente. Nós...
 A. A.—Estamos aqui.
 P.—João está presente. Nós...
 A. A.—Estamos presentes.
 A.—Amanhã eu estarei na fazenda. Amanhã nós...
 A. A.—Estaremos na fazenda.
 P.—E' isso mesmo. Estou, estive, estava, estarei, estarão, etc. Mas passemos adiante. Eu disse que o pae do Luiz é diligente. Essa palavra significa esforçado, trabalhador. Luizinho tambem é diligente? Responda, Martha.
 A.—E', porque carregou dez saccos de carvão.
 P.—E não temos outro motivo para julgá-o diligente?
 A.—E' diligente, porque ajuda muito seus pae.
 P.—Sim, applica-se em seus estudos, esforça-se no cumprimento de seus deveres, é um filho exemplar, e diligente e bom, um menino digno de ser imitado.

Por hoje ficamos aqui; na proxima lição he de apresentar-lhes um outro menino tão bom e tão sympathico como o nosso amiguinho Luiz.
 (Do livro em preparo: Lições praticas da Língua Materna).

PROGRAMMA DE ENSINO EM
 S. PAULO
 Calligraphia

(Continuação)
 Indicações — O typo de calligraphia adoptado será o vertical, que apresenta sobre o inclinado algumas vantagens negativas: é mais facil e uniforme, pois ha uma unica posição para as letras— a perpendicular á pauta, ao passo que as obliquas comparáveis com a escripta são muito numerosas, e mais lentas, assemelhando-se bastante ao typo de fórmas; e é mais hygienico, porquanto, permitindo ao alumno a posição normal do tronco, evita-lhe deformidades do corpo.
 Devendo o ensino da escripta acompanhar *pari-passu* o da leitura, para que essas duas disciplinas mutuamente se

auxiliem, os primeiros modelos a copiar serão sentenças conhecidas das creanças, o seu proprio nome, a designação da escola, os nomes dos objectos familiares, etc.
 Concretizando na palavra escripta a ideia despertada pela palavra oral, a creança associa, ao exercicio manual o trabalho consciente de sua intelligencia.
 «As letras são detalhes technicos cujo conhecimento — na leitura como na escripta — não deve preceder ao da palavra».
 As sentenças-modelo serão escriptas no quadro negro pelo professor, que precisa exercitar-se na calligraphia vertical, pois a classe apanha com facilidade o seu typo de letra. Para que apprendam a fórma e a ligação das letras dos vocabulos, é indispensavel que o traçado do modelo seja feito á vista das creanças, que devem observar a maneira de escrever as palavras no quadro negro, pautado de forma identica ao caderno.

Nesta primeira phase, a escripta será executada a lapis, em caderno de pauta dupla, e os modelos do quadro para que se tornem mais facis de copiar, serão traçados *sem detalhe*, com a maxima simplicidade de linhas.
 O professor attendêrá sollicitamente á posição correcta do corpo do alumno em relação á carteira, assim como a posição do caderno e ao modo de empunhar o lapis.

Quanto ao programma, não é necessario desenvolvê-lo; os exercicios correspondem, passo a passo, aos de leitura.

Linguagem

Indicações — As primeiras lições de linguagem devem caminhar parallelamente com as primeiras lições de cousas, de modo que a linguagem dos alumnos seja sempre o resultado das observações que tenham feito ou que tenham sido levados a fazer.

O professor corrigirá cuidadosamente os erros de pronuncia e construcção, commettidos pelos alumnos no correr de todas as lições e procurará sempre exprimir-se em linguagem simples, clara e correcta.
 Todos os termos novos empregados em qualquer lição devem ser bem explicados e introduzidos pelos alumnos em sentenças, pois assim o professor verificará que aprenderam o seu significado.

Importa que o professor consiga sempre a enunciação de sentenças claras e completas (mas sem redundancia), e que perca o pessimo habito de responder pelos alumnos, deixando-lhes apenas o insignificante estado de concluir á resposta com mal palavra.
 Proporcionem-lhes occasião de falar com toda a espontaneidade, de contar com natural vivacidade o facto que presenciaram, a historia que ouviram, pois assim aprenderão a ordenar as suas ideias e a preparar-se para os exercicios de redacção.

Linguagem oral

Programma

- 1) Pronunciar bem os nomes de cousas conhecidas, devendo os alumnos local-as: nomes das partes do corpo, do vestuario, da carteira, de objectos escolares, etc.
- 2) Nomear as qualidades mais salientes e as ações mais communs, para entreter as primeiras conversações.
- 3) Formar sentenças com palavras conhecidas dos alumnos e a respeito de cousas cuja existencia e utilidade os seus sentidos verifiquem.
- 4) Formar sentenças sobre a fórma, cor, posição, substancia e utilidade de objectos conhecidos.
- 5) Descripção de objectos presentes, para habituar o espirito dos alumnos á descripção systematica de um objecto, lançado no quadro as palavras principaes da descripção, para ensinar-lhes a graphia das mesmas e levá-los a reconstituir oralmente a lição.
- 6) Pequenas descripções de objectos ausentes e conhecidos.
- 7) Palestras sobre gravuras, que representem scenas domesticas, natuρας e historicas, para obrigá-los ao uso

expedito de seu vocabulário, pelas respostas, com algum desenvolvimento, de perguntas claras e bem concisas, das que lhes dirige o mestre.

8) Narrações simples de factos instructivos e moraes, feitas pelo professor.

9) Reprodução esocrática das mesmas e reprodução livre pelos alumnos, tendo vantagem em fazerem-na algumas dias depois, para que hajam esquecido as palavras, conservando o pensamento, que vestirão em palavras de seu proprio vocabulário.

10) Recitação, com explicação prévia, de maximas e pequenas poesias.

Linguagem escrita

Programma

- 1) Copia, no papel, de uma sentença conhecida, escripta destacadamente pelo professor no quadro negro.
- 2) Copia de um cabeçalho para os trabalhos graphicos, no qual mencionem a designação da escola, o nome da cidade ou bairro, a data, o nome e a idade, etc.
- 3) Copia, ordenando as partes de uma sentença, escriptas no quadro.
- 4) Copia de um trecho do livro de leitura.
- 5) Copia de palavras, separando as syllabas.
- 6) Completar as escriptas no quadro, sendo, a principio, dadas as palavras, mas não segundo a ordem em que devam ser empregadas.
- 7) Dictados de palavras conhecidas e de pequenas sentenças, já dictadas ou copiadas no quadro.
- 8) Formação de sentenças com palavras dadas.
- 9) Responder a interrogações variadas, concernentes a pessoa, animal, coisas, accões, circumstancias diversas, etc. Exemplo: Quem comprou? Que comprou? Onde? Quando? Para que? Quanto? Por que? etc.
- 10) Redacção de sentenças coordenadas, á vista de objectos ou gravuras.

Arithmetica

Indicações — O ensino de arithmetica no 1.º anno será intuitivo e pratico, constando de rudimentos das quatro operações sobre numero que não excedam da primeira centena. Em lugar, porém, de fazer o alumno decorar e exercer mecanicamente a série de "numeros de 1 a 100, exercicio que de maneira alguma põe em actividade as suas faculdades de attenção e de reflexo, o mestre deverá ensinar progressivamente o valor de cada numero em suas relações com os numeros inferiores, já conhecidos do alumno, fazendo-o observar, comparar, raciocinar.

As verdadeiras ideias de numero perhenem aos factos cuja concepção devemos principalmente ao sentido da visão. O bom olho do ensino elemental, neste assumpto, depende da exhibição real dos objectos.

Fornecendo aos alumnos objectos facéis de manusear, como tornos, palitos, etc., e applicando-os ás operações que se podem effectuar com um dado numero, fazerão os descobrir intuitivamente as relações que existem entre os numeros menores.

Comeará exercitando no conhecimento directo, por um simples lance de vista, um centar, de grupos de 2, 3, 4 e 5 objectos, dispondo-os de modo semelhante ao dos pontos do jogo de damas. Depois, da mesma maneira, e da mesma forma, estes agrupamentos em desenhos ou estampas.

Reunindo uma das turmas em volta de uma mesa longa, mandará tirar um monte um determinado numero de objectos e fará analysar essa quantidade, decompondo-a em porções fideis e designaes. Assim os alumnos acharão que, por exemplo, em 10 objectos ha 2 objectos mais 2 objectos, 3 + 1, 2 + 1 + 1, 1 + 1 + 1 + 1, que 4 = 2 = 2, 4 = 3 = 1, 4 = 1 = 3, 2 + 2 = 4, 4 = 2 = 2, 1/2 de 4 = 2, etc.

Só após o estudo oral e concreto dessas diversas operações sobre os numeros menores, e depois de termos a escripta e a leitura desses numeros e a representação graphi-

ca das differentes combinações aprendidas, para habitua-los a ler e a copiar os mappaes de Parker.

O professor precisa caminhar devagar nesses primeiros passos, ensinando-os muito lentamente, sem assentadas taes bases, o resto virá por si e será facilmente comprehendido.

A respeito de cada numero serão apresentados pelo mestre ou formulados pelos alumnos numerosos problemas para serem resolvidos, a principio, oralmente e depois por escrito, cujos assumptos se relacionem com o meio em que vivem as crianças, com os trabalhos da estação, com a profissão dos paes, e nos quaes apreadam estes nocões sobre o valor do trabalho diario ou o preço real das cousas usuaes e dos generos alimentícios.

Quando o numero systematic da taboada, será de facil modo processado para o 2º anno, e a noção de fracção dada de modo evidente, concreto e interessante, em partes iguaes uma tira de papel, uma varinha, uma lanterna, etc.

Programma

- 1) Ensinar, por meio de grupos de objectos, os numeros de 1 a 10. Exercícios concretos, celticos ou o auxilio de estampas e problemas ares com esses numeros, abrangendo os quatro operações. Noção de dobro e metade. (Como exemplo concreto, mostrar o litro, o meio litro e o duplo litro).
- 2) Exercícios com numeros abstractos, effectuando oralmente todas as combinações possíveis até 10. Ensinar a escrever os numeros de 1 a 10. Explicação da palavra dezena. Ensinar o valor do zero e a palavra dezena.
- 3) Ensinar o uso dos signaes +, -, ×, ÷, =, em pregando-os em collages escriptas. Ensinar os numeros de 10 a 20. Comparar o metro e o decímetro, o litro e o decilitro. Exercícios e problemas ares e escriptos. Noção de quarto e terço.
- 4) Contagem por dezenas até cem, antes do conhecimento dos numeros intermediarios entre as dezenas conhecidas. Fazendo grupos de 10 objectos ou de 10 pedrinhos, atados por um fio). Exercícios e problemas com dezenas. Ensinar a medir; metro, decímetro e centímetro.
- 5) Ensinar os numeros de 20 a 30. Noção de quinto, oitavo e sexto. Sommar de 1 em 1 até 10, e depois, de 10 a 20, e subtrair na ordem inversa. Contagem até cem, por addição de unidades. Copia das cartas de Parker. Execução de seus calculos com tornos.
- 6) Sommar rapidamente de 2 em 2 até 20, começando por 2 e depois por 1; diminuir na ordem inversa. Serie dos numeros pares e impares, na ordem crescente e decrescente, de 1 a 20, de 20 a 50 e de 50 a 100. Noção de decimo, settimo e nono. Algoritmos romanos até XII. As horas do relógio.
- 7) Sommar 3 dez primeiros numeros e aos numeros de 10 a 30, comparando os resultados. Fazer a taboada de 12 dezena; subtrair na ordem inversa. Fazer na carteira, com tornos, a taboada de multiplicar do 2, escrevendo-a no quadro no papel, afim de melhor fixar os resultados (A classe deve repetir-a sob outra forma, para que aprenda simultaneamente a de dividir).
- 8) Adicionar 4, 5 e 6 aos numeros digitos, e subtrahir tambem: Sommar e diminuir por decadas (4 + 3, 14 + 24, 34 + 24, etc.). Noção de decimo e centésimo. Taboadas de multiplicar e de dividir do 3. Problemas.
- 9) Sommar 7, 8 e 9 aos numeros digitos e a outros que augmentem successivamente de dez em dez. Exercícios semelhantes para subtrahir. (Escrever, num circulo, os numeros digitos: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, e no centro, um delles, para recapitular as taboadas, sommando com rapidez, sem contar. Escrever no centro os numeros da segunda dezena, para subtrahir rapidamente.) Problemas de somma e subtracção combinadas.
- 10) Taboadas de multiplicar do 4 e do 5. (Recordar-se de modo differente, para aprender, que 4 × 4 = 16, 4 × 4 = 20, 4 × 4 = 24, 8 × 8, etc.; 20 centim 4 × 5, porque 4 × 5 = 20, 4 × 5 = 24, 4 × 5 = 28, 1/4 de 20 = 5, etc.)

FÓRMAS

Indicações — O estudo das formas deve ser o mais pratico e intuitivo possível e feito sempre á vista de modellos ou solidos geometricos, estabelecendo os alumnos comparação entre os solidos estudados — a esphera e o cubo, o cubo e o cylindro, etc.

A principio deve o professor esforçar-se para que a forma geral do rolido fique bem gravada no espirito das crianças. Isto feito passará a estudar a superficie do solido (quadrado, rectangular, triangulo), sem preoccupar-se com as denominações respectivas, mas principalmente para que os alumnos conheçam e distingam essas superficies.

Para auxiliar as lições, os alumnos devem dar exemplos dessas superficies e linhas em objectos da sala de aula, ou em outros que lhes sejam collocados, fazendo despois no papel o seu traçado.

O professor deverá evitar os termos technicos e o ensino theorico de nocões abstractas.

Para o ensino das formas serão feitos solidos geometricos em argilla plastica.

- 1) Esphera: estudo feito á vista do solido, quanto a forma geral e superficie.
- 2) Cubo: fórm do cubo comparativamente com a de outros objectos conhecidos. Comparar a esphera. (Mostrar que num plano inclinado a esphera rola e o cubo encorrega). Manipulando os solidos, os alumnos devem notar as differenças entre as suas superficies. Faces do cubo; arestas ou linhas; cantos ou angulos.
- 3) Modelar em barro ou em massa plastica a esphera e o cubo. Dividir a esphera pelo meio — o hemisphero.
- 4) Estampar no barro as seis faces do cubo. Desenhá-las em papel cartão, recortá-las e dobrá-las, compondo um cubo.
- 5) Desenhar uma das faces do cubo; o quadrado; lados e angulos.
- 6) Dividir um cubo de argilla em duas e em quatro partes iguaes, para obter primas rectangulares e quadrangulares.
- 7) O prisma rectangular; nomear objectos que se assemelhem a esse solido. Construir uma caixa com papel encorpado.
- 8) Dividir esse solido em dois prismas triangulares.
- 9) O cylindro; estudo correspondente; base e altura. O circulo.
- 10) Desenhar as faces dos solidos conhecidos.



O que as crianças preferem ler

Miss Emma B. Grant e Margaret L. White, aquella auxilia da entrada de Educação Elemental do collegio para professores da Universidade Columbia, da cidade de Nova York, e esta inspectora de escolas elementares de Cleveland, procederam a uma investigação nas escolas e bibliothecas publicas, de varias cidades americanas, afim de verificar o que as crianças escolhem para ler.

O trabalho obedeceu ao seguinte plano:

- 1) Informações das bibliothecas sobre os livros que as crianças, que frequentam a bibliotheca, escolhem para ler.

- 2) Verificação pelos cartões da bibliotheca do numero de vezes que os livros da secção destinada ás crianças foram levados para leitura em casa.
- 3) Verificação da popularidade dos livros pelas condições materias dos mesmos, taes como signaes de dedos, páginas rasgadas, capas estrugadas, etc.

que são indícios de uso constante, conforme a opinião da bibliothecária.

4) Exame do que estavam a ler as crianças por occasião das visitas das investigadoras.

5) Palestras com as crianças perguntando-lhes quaes os livros que preferem e qual a razão de tal preferéncia.

As professoras Misses Grant e White ouviram a diversos collegas, pedindo-lhes que as auxiliassem nas investigações, fazendo aos alumnos as seguintes perguntas: «De todas as historias lidas ou ouvidas, qual a que mais te agradou? «Quaes os livros que mais aprecias? Porque os aprecias?»

Obtidas as informações desejadas, as professoras Grant e White fizeram um minucioso e demorado estudo das respostas, chegando á conclusão de que as crianças de varias zonas do país differem muito pouco na escolha do que lêem.

Publicamos a seguinte tabella que tem servido de base para a escolha do assumpto dos livros que se destinam ás crianças:

Typo de material	Porcentagem
Animaes	23,9%
Contos da Carochinha	20%
Folk-Lore	17%
Poesia	10%
Miscellanea	8%
Informações diversas	7%
Historia	4%
Experiencias infantis	4,1%
Religião	1,5%
Historia Natural	1,4%
Fabulas	1,1%
Humorismo	0,5%

I. Guimarães

Tests de Intelligencia

Alumno X

Edade — 7 annos e 9 meses ou 93 meses.
Alumno do 1.º anno do grupo escolar «Olegaria Maciel».

Annos que frequentou escolas — 6 meses.

Tempo — 1, 30" — annos meses

6	annos	6	meses
7	•	1	0
8	•	1	0
10	•	2	6
		9a	6m

Edade mental — 9 annos e 6 meses ou 114 mezes.
Edade chronologica — 7 annos e 9 meses ou 93 mezes.

Q. I. — 192, ou 193.
Bello Horizonte, 23 de Julho de 1922.

A professora, Anna de Santa Cecilia.

Cópia do plano aprovado pelo professor C. A. Bakar

Alumno Y

Edade—10 annos e 11 mezes ou 131 mezes.
 Alumno do 4.º anno do grupo escolar "Barão do Rio Branco".
 Annos que frequentou escolas—3—
 Tempo—1, 1/2, 25m.

anos	mezes
8	0
9	1
10	4
12	4 (4 cada 1)
14	3 (6 cada 1)
	12a. 10m.

Edade mental—12 annos e 10 mezes ou 154 mezes.

Edade chronologica—10 annos e 11 mezes ou 131 mezes.

Q. 1.—117 ou 118.

Bello Horizonte, 20 de Fevereiro de 1925.

Exame feito pela professora *Anna de Santa Cecilia*.



EXCURSÕES ESCOLARES

Ignacia Guimarães

As excursões escolares para o estudo de historia e de geographia locais, prescriptas pelo novo Regulamento da Instrução Primaria, constituem uma das mais louváveis innovações adoptadas.

Este processo educativo proporciona aos alumnos excellente oportunidade para o cultivo da intelligencia, educação dos sentidos e formação de caracter. Dá-lhes ensejo para pensar em cousas praticas e uteis, para raciocinar, para observar, julgar e comparar. Familiariza-os com o ambiente social em que vivem, fazendo-os conhecer, de visu, o que nelle se ha feito, o que se faz e o que ha ainda por fazer. Desperta nelles o sentimento da responsabilidade, a consciencia dos deveres e dos direitos que cabem a cada um dos membros de um grupo ou de uma collectividade. É um dos melhores meios que se conhecem, para auxiliar aos alumnos na descoberta de suas capacidades innatas e no emprego acertado de suas aptidões naturaes.

Uma excursão, intelligentemente planejada e criteriosamente dirigida, pode produzir, na vida pratica, resultados mais proveitosos que os obtidos em estudos SIMPLEMENTE LIVRES.

O professor, para tirar o melhor proveito possível deste meio de ensino, deve saber como usal-o. «LEARN HOW TO DO BY DOING» é o que se aconselha.

Na Escola Normal Modelo, já se poz em pratica esta disposição regular—à das excursões escolares. As futuras professoras fizeram já duas visitas a estabelecimentos industriaes, sendo uma a Serraria dos Srs. Garcia de Paiva & Pinto e outra

à Siderurgica dos Srs. Magnavacca & Filhos. Projectam-se muitas outras, e, com o entusiasmo, o interesse e o prazer que estas excursões tem despertado nas alumnas, espera-se colher fructos mais proveitosos deste trabalho. Todas as informações collhidas tem sido usadas como base das lições de arithmetica, de geographia, da linguagem, de leitura e de civismo, nas aulas praticas. Obedecendo a tal orientação, vai se transformando a escola em um ambiente de vida real, pratica, util e atrahente.

Para que se veja o caracter pratico que se pretende dar ao ensino, publica-se a seguir um dos relatorios apresentados o qual foi escolhido pela classe não soffrendo correção alguma pela professora, pois deseja este cultivar, tanto quanto possível, a individualidade das alumnas e a independencia da turma.

Relatorio de uma excursão feita no estabelecimento industrial de Garcia de Paiva & Pinto, de Bello Horizonte.

É apenas um bosquejo de relatorio que hoje faço, affim de satisfazer o desejo de minha professora, pois é este o primeiro, feito em minha carreira escolar.

Vou relatar, portanto, em linhas geraes as impressões que me ficaram, e fornecer algumas das notas que consegui obter, graças à gentileza dos Srs. Garcia & Pinto que bondosamente se promptificaram a mostrar-nos todas as dependencias do Estabelecimento e dar-nos todas informações pedidas.

ESTABELECIMENTO

Orya entre 400-000\$ e 500-000\$ o valor do predio e do maquinismo pertencentes ao estabelecimento industrial da firma Garcia de Paiva & Pinto, cuja fundação data de 1898.

O predio occupa uma área sufficiente, cujas dimensões não sei, tendo simples e elegante fachada, estando situado nas proximidades das estações da Central e da Oeste de Minas, no Bairro da Floresta.

MACHINISMO

Despertou-me especial attenção a machina denominada «genho de serra circular», que vi pela primeira vez o que se destina a serrar os toros de madeira. É muito simples, movida a electricidade e executa em dois minutos o trabalho que dois homens só poderiam executar em duas horas.

Mais ou menos no centro das officinas, encontrava-se um locomoveel, que é a machina mais importante das existentes lá. É a que representa grande economia, pois consome, como combustivel, todas as fitas ou restos de madeira, tendo para absorver os mecos uma bomba. Atré o set vapor é canalizado, servindo para o preparo de colla.

Vimos diversas outras machinas, dentre as quaes, salientam-se as que servem para afiar, para aparelhar (semo esta a mais perigosa), a tupia, a respaldadeira e a de recortes. A tupia é a de respal-

gar são de capital importancia na confecção de carreiras.

Como lubrificante, usam-se o oleo de mamona, a graxa commun e a patente, esta apenas nos mancaes de seis em seis mezes.

Para o serviço de transporte interno, as officinas dispõem de um poderoso guindast, que retira os toros de madeira dos vagões, que estam no edificio, e leva-os a qualquer ponto desejado. Esta machina que é tambem movida a electricidade, executa rapidamente um trabalho para o qual seriam necessarios 15 homens no caso de ser feito pelos processos rotineiros. É dirigida por um pequeno operario que conta apenas 12 annos.

MADEIRAS

São variadissimas as qualidades de madeira que se encontram em deposito no estabelecimento dos Srs. Garcia de Paiva & Pinto.

Vimos lá o cedro, a arceira, madeiras de grande durabilidade e que geralmente se destinam ás obras que têm de ficar expostas à acção do tempo, resistindo por seculos (nua vista as celebres pontes de Sabará e Santa Luzia).

Alcançam bons preços e veem das terras marginas do São Francisco.

Tivo occasião de ver tambem bellas amostras de peroba rosa, de embuia e pinho do Paraná. A primeira vem de Porto Real, Minas, e é vendida à razão de 63000, e a ultima, do Paraná, à razão de 158000 o metro. São as melhores madeiras para soalhos e torros de casa.

Vi ainda o oleo balsamo, jacarandá, vinhatico e muitissimas outras, pois, sómente oriundas do E. de Minas, ha cerca de 100 especies diferentes, em deposito.

Achámos interessante o processo adoptado na secagem da madeira que é recebida ainda verde. É mettida em agua quente e depois depositada em logar fresco e bem arejado, conserva um espaço de 4 a 5 centimetros entre uma e outra taboa.

PEÇAS FABRICADAS

Confeccionam-se variadissimas peças de mobiliá, assim como peças para construcções.

Dentre os moveis, mereçam nossa particular attenção as carteiras que lá se fazem, destinadas ás escolas e grupos escolares do Estado. São bem feitas, entrando em conta, não sómente material genuinamente nacional: madeiramento nacional; fés e demais peças de ferro confecionadas na Usina Esperanca, com minério extrahido em jazidas mineiras e lineiros fabricados no Rio de Janeiro.

Sedecenas carteiras são fornecidas ao Estado mensalmente, ao preco medio de 35000 cada uma.

Acompanhamos attentamente todo o processo da confecção de diversas peças e consequimos muitas informações uteis, inclusive sobre o preparo e applicação de verniz.

OPERARIOS

Trabalham no estabelecimento mais de 200 operarios, contando-se em o numero delles alguns

de menor edade. O salario varia conforme trabalho e a aptidão do empregado. A apparencia physica dos operarios é boa. São todos brasileiros, com excepção de uns dois ou tres portuguezes.

Uma informação que muito nos contrastou foi a da porcentagem de analphabets: 90 %. Muitos delles, não podendo assignar o nome, fazem-no por copia, segundo fomos informados.

Não ha no estabelecimento associação alguma que promova o levantamento do nivel intellectual, social ou o desenvolvimento do physico de seus empregados.

Para admissão, exigem-se apenas boa conducta moral e aptidão para o trabalho.

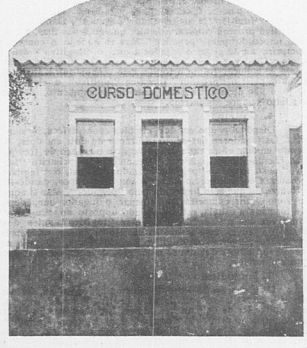
Como conclusão, direi o seguinte: se todos os empregados que lá vimos, tivessem ao menos instrução elemental, outras seriam as suas condições materiaes e mesmo physicas e tambem melhores seriam os resultados para o estabelecimento e para a nossa patria.

Voltei mais compenetrado dos deveres que nos cabem, como professoras de amanhã, no combate do analphabetismo em nosso carissimo Brasil. Uma nação que conta grande numero de illetrados, será fatalmente vencida por outras mais fortes, mais aptas para a intensa vida economica dos nossos dias. Não smoreemos! Preparo-nos bem para a ardua porém nobre missão a que nos destinamos.

Bello Horizonte, 24 de Julho de 1925.

Maria Ephygenia Chaves

Alumna do 4.º anno da E. N. Modelo



Curso domestico — Grupo Escolar Firmino Costa em Lav. as

SEÇÃO RECREATIVA

Jogos menores

1. Nuvem tres

Dispõe o grupo em dois círculos concêntricos, formando duas fileiras com a frente voltada para dentro, devendo o espaço entre elas ser de dois ou três passos. Escolher dois jogadores. Chamar ao primeiro «ativos», ao segundo «pegadores». Dado o sinal, o «ativo» procurará colocar-se em frente de qualquer das fileiras, dando-lhe as costas ao que será impedido pelo «pegador». Mas si aquele o conseguir cumprirá a este pagar o terceiro da fila. Não poderá haver nunca três em cada fila. O terceiro é sempre o «ativo». Uma vez que o «pegador» toque o «ativo» antes deste se colocar em frente a fila, este o substituirá. Invertem-se os papéis: o «pegador» torna-se «ativo» e vice-versa. O jogo não deve entretanto parar um só momento, devendo ser lido sempre em corrida.

2. Tres em linha

Dispõe o grupo em dois círculos concêntricos, formando duas fileiras com a frente voltada para dentro, devendo o espaço entre elas ser de dois ou três passos. Escolher dois jogadores. Denominar ao primeiro «ativo», ao segundo «pegador». Dado o sinal, o «ativo» procurará colocar-se atrás de qualquer das fileiras, dando-lhe a frente, no que será impedido pelo «pegador». Mas si aquele o conseguir cumprirá a este pagar o primeiro da fila. O primeiro é sempre o «ativo». Uma vez que o «pegador» toque o «ativo» antes deste se colocar á retaguarda da fila, este o substituirá imediatamente. Invertem-se os papéis: o «pegador» torna-se «ativo» e vice-versa. O jogo não deve entretanto parar um só momento, devendo ser lido sempre em corrida.

3. Frente à frente

Dispõe o grupo em dois círculos concêntricos, formando duas fileiras que se defrontem, devendo o espaço entre elas ser de dois ou três passos. Escolher dois jogadores. Denominar ao primeiro «ativo» e ao segundo «pegador». Dado o sinal, o «ativo» procurará procurar qualquer das fileiras, que será impedido pelo «pegador». Mas si aquele o conseguir, cumprirá a este pagar o jogador a que o «ativo» deu as costas. Uma vez que o «pegador» toque ao «ativo» antes deste se colocar frente à frente, este o substituirá. Invertem-se os papéis: o «pegador» torna-se «ativo» e vice-versa. O jogo não deve entretanto parar um só momento, devendo ser lido sempre em corrida.

4. Cadeias

Dispõe o grupo em dois círculos concêntricos, formando duas fileiras. Os jogadores dar-se-ão os braços de dois em dois, devendo medir entre cada grupo de dois o espaço de tres passos. Escolher dois jogadores. Denominar ao primeiro «ativo» e ao segundo «pegador». Dado o sinal, o «ativo» procurará colocar-se ao lado de um dos grupos, dando-lhes o braço, no que será impedido pelo «pegador». Mas si aquele o conseguir cumprirá a este pagar o jogador que, depois de formada a cadeia, estiver do lado opposto ao «ativo». Uma vez que o «pegador» toque o «ativo» antes deste formar a cadeia, este o substituirá. Invertem-se os papéis: o «pegador» torna-se «ativo» e vice-versa. O jogo não deve entretanto parar um só momento, devendo ser lido sempre em corrida.

5. Impellido

Dispõe o grupo em dois círculos concêntricos, formando duas fileiras com a frente voltada para dentro, devendo o espaço entre elas ser de dois ou tres passos. Escolher dois jogadores. Denominar ao primeiro «ativo» e ao segundo «pegador». Em cada fila, o segundo abraçará o companheiro da cintura. Dado o sinal, o «ativo» procurará colocar-se em frente de qualquer das fileiras, dando-lhe as costas, no que será

impedido pelo «pegador». Mas si aquele o conseguir, cumprirá a este pagar o primeiro da fila. O segundo de cada fila impedirá por todos os meios que o «ativo» consiga entrar na frente da fila, ao passo que o primeiro o auxiliará. Uma vez que o «pegador» toque o «ativo» este o substituirá. Invertem-se os papéis: o «pegador» torna-se «ativo» e vice-versa. O jogo entretanto não deve parar um só momento, devendo ser lido sempre em corrida.

6. Branco e preto

Apparelhamento: Um dado com faces brancas e pretas. Dividir o grupo em duas turmas paralelas e fronteiras no meio do campo, á distancia de dois passos. Determinar a cor de cada turma. Lançado o dado, a turma cuja cor ficar para cima tratará de pegar os jogadores da outra, que figurarão até o limite do campo. Ganhará o jogo a turma que conseguir pegar o maior numero em certo tempo.

7. Pegar e puxar

Riscar no chão o limite dos dois campos. Colocar junto a elle, fronteiras, as duas turmas, á distancia de um passo da linha. Dado o signal, cada jogador procurará pegar o companheiro em risco de ser puxado para o campo contrario como um dos esforços para puxar o adversario. Ganhará o jogo a turma que conseguir puxar a maior parte dos jogadores ao mesmo tempo.

8. Pegar a cadeia

Dispõe o grupo em fila, abraçando-se os jogadores pela cintura, formando cadeia. Escolher um que será o «pegador» e collocar-o em frente da fila e de frente para ella. Dado o signal, procurará pegar a cadeia da cadeia, no que será impedido pelo primeiro que usará os braços abertos, mas não poderá agarrar-o. Si conseguir pegar o ultimo este o substituirá.

9. Pegar o lenço

Apparelhamento: Dois o grupo em duas turmas, collocando-as nas extremidades do campo. O instructor ficará no meio do campo e lançará o lenço no chão. Immediatamente o jogador a direita de cada turma correrá em direcção ao lenço e procurará levá-lo consigo para o seu campo, sem ser tocado pelo adversario. Si este o tocar, o levará para o seu lado, entrando sempre á esquerda, não tocando, elle será o prisioneiro. Ganhará o jogo a turma que conseguir pegar o maior numero de jogadores em certo tempo.

10. Pegar a bola passada

Dispõe o grupo em círculo, ficando um no centro. Os do círculo passarão a bola, livremente um ao outro, de forma que o do centro não a toque. O que deixar substituirá-o.

11. Chicleo queimado

Dispõe o grupo em círculo, hombro a hombro, com a frente voltada para dentro e as mãos nas costas. O jogador que estiver com o chicleto (uma toalha amarrada com um barbante, por exemplo), correrá por fora e deixará o chicleto na mão de qualquer. Este procurará o que estiver a sua direita, batendo-lhe as mãos, e voltará ao círculo e recupear o seu logar. O chicleto continuará a correr, deixando-o na mão de qualquer. E assim por diante.

12. Saltar a vara

Apparelhamento: Uma vara. Dispõe o grupo em círculo de frente voltada para o centro, onde um jogador ficará situado de costas e unido da vara. Dado o signal, rodará a vara pela direita sempre fante ao chicleto até conseguir o tocar nos pés de qualquer jogador, que assim o substituirá.

13. Massas venenosas

Apparelhamento: Várias massas, segundo o grupo em círculo, segurando os pulsos com firmeza em torno das massas. Dado o signal, os jogadores se empenharão em fiar com o que os seus companheiros derrubarem as menos duas massas, o que a derrubar será excluido do jogo. Excluir-se-ão tambem os dois jogadores que largarem os pulsos. Será vencedor o que não as largar.

(Continua)

Norte, Sul, Leste, Oeste.

(CANÇÃO ANIMADA)

Letra de
T. NogueiraMusica de
T. Borba

PIANO

Aonde é que o sol brilhante
Nasce bello e rufulente,
P'ra dar vida e luz á terra?
Léste se chama, ou nascente.

E onde é que á tarde o grande astro
De poetica cor se vêste,
Para dar logar á noite?
E' no ponto, ou o oeste,

E onde é que o calor e a luz
Do astro brilhante e forte,
Nô chega vivificante?
Ao polo artico, ou norte,

E p'ra onde é que ao meio dia
Brilhante no céu azul,
Luminoso o sol se inclina?
Meio dia, ou então sul,

NOTA—As crianças collocam-se em filas, estando voltadas para quem as dirige (a professora ou alumnio que ella designar) e que lhes cetas os tres primeiros versos interrogativos.

Repetem o terceiro verso, como está na musica, voltando-se depois para o ponto indicado no ultimo, com a resposta.

E assim em relação a todas as quadras, voltando-se no ultimo verso de cada uma para o ponto cardinal indicado.

PARTE OFFICIAL

Directoria de Instrukção

Relação dos professores elogiados, de 16 de Junho a 31 de Julho de 1925.

MEZ DE JUNHO

Por Portarias:

Dia 16—

1) Francisca de Andrade e Perolina Villela Lemos de Carvalho, professoras do grupo escolar da cidade de S. Gonçalo do Sapucahy;

Dia 20—

2) Corina Ferreira da Silva, da cidade de Conceição do Serro.

Por Officinas:

Dia 16—

1) Dulce Lara, directora do grupo escolar de Rezende Costa, e suas auxiliares.

MEZ DE JULHO

Por Portarias:

Dia 4—

1) João Lopes Junior, Luiza Sydonia Machado Prado, Nesia Coelho Guimarães, Maria Carmelia da Silva Ramos, Esperança Gomes Leal, Geny Leite de Oliveira, Hilarina de Carvalho, Carmosina de Carvalho, Alexina Catão Bonneloi, Otília Pereira da Silva e Jupyra Barroso Carvalhaes, director e professoras do grupo escolar de Guanhães;

Dia 17—

2) José Coelho Lima, Gustavo de Araujo, Fausti Manjud Maluf, Carmelita Martins Bicalho, Lygia de Araujo e Carlota de Vasconcellos, director e professores do grupo escolar de S. José da Lagôa, município de Itabira;

Dia 18—

3) Maria José Barreto, de Nazareth, município de São João d'El-Rey;

4) Maria Amelia de Castro, de Urucania, município de Ponte Nova;

Dia 20—

5) José da Costa Britto, de Itanhândi;

6) Maria Carolina Maia de Assis, de Maravilhas, município de Santa Luzia;

7) Margarida Magalhães de Azevêdo, de Nazareth, município de S. João d'El-Rey;

8) Ataliba Telasco de Moraes Navarro, Hercília Cecy Ornellas, Maria Modestina de Magalhães e Francisca Candida Ornellas, director e professoras do grupo escolar de Cabo Verde;

9) Ignês Carlota Alves Costa, Stella Matutina Rabello, Simpliciana Corrêa Brazão, Maria Junqueira, Esther Camargos e Clarice Alves Pereira, directora e professoras do grupo escolar de Contagem;

Dia 22—

10) José Martins Domingues, Alcina Martins de Lima, Cornelia Lima, Albertina de Castro, Maria Manoela Rolla, Maria Vasconcellos, Adalgisa Coelho Vasconcellos e Maria Lourdes Rolla, director e professoras do grupo escolar de São Domingos do Prata;

11) Doralice Savassi, da Colonia Rodrigo Silva, município de Barbacena.

Por officios:

Dia 3 de Julho—

1) Alice Dionysia Lopes, de S. Antonio do Aventureiro, município de Mar de Hespanha;

Dia 7—

2) Arlinda Franco, de Chrysolia, município de Ouro Fino;

Dia 9—

3) Alzira de Araujo, de Campo Mystico, município de Ouro Fino;

Dia 13—

4) Eliza Starling, de Feitães, município de Contagem;

5) Luiza Soares de Mattos, de Corregos, município de Conceição;

Dia 17—

6) Rosalina Mayrink Brandão e sua auxiliar, da cidade de Ubatuba;

Dia 20—

7) Zelia Electo de Queiroz, Maria Rita Neves, Rita de Cassia Figueiredo e Zirza Diniz, professora do grupo escolar de Contagem;

8) Eliza Smith e Hercília Ornellas Ferreira, professora do grupo escolar de Cabo Verde;

Dia 21—

9) Jossna Cunha de Sá Fortes, Maria Pires Moreira, Maria da Gloria Barros, Olvinda Campos, Maria da Gloria Ferreira da Silva, Maria Alves Pereira e Maria Adelina de Lima, professoras do grupo escolar de Palmyra;

Dia 25—

10) Reta Augusta Sobreiro, de Pinhalsinho, município de Ouro Fino;

Dia 27—

11) Dórea Angelina da Silva, de Santa Helena, município de Manhuassú;

12) Elza de Castro Mattos, de Chiauor, município de Mar de Hespanha;

Dia 28—

13) Anna Carolina Rigotto, de Aparecida, município de Ouro Fino;

Dia 30—

14) Maria Dias, de Cachoeirinha, município de Mar de Hespanha;

Dia 31—

15) Maria José de Paiva Dutra, de Olegario Maciel, município de Buenopolis.

AVISOS

Directoria da Instrukção

Aos Directores dos grupos que funcioneem em turnos fica autorizada a alteração do horario escolar nos mezes de junho, julho e agosto do corrente anno, por motivo do frio, afim de que as aulas do 1.º turno sejam dadas das 7 1/2 ás 11 1/2 e as do 2.º turno das 12 ás 16 horas

Secretaria do Interior, em Bello Horizonte. 12 de janeiro de 1925.—O director da Instrukção, *Lucio José dos Santos*.

Aos srs. directores de grupos escolares e professores de escolas singulares, recommendo obediencia estricta dos artigos 247 e 248 do regulamento de Ensino. Não podem as aulas ser suspensas nem se podem conceder feriadões senão nas épocas e nas condições especificadas, sem a possibilidade de duvidas, nos citados artigos.

Não podem os alumnos, durante as horas escolares, ser levados a visitas recepções e festas senão depois de satisfeitas as disposições do artigo 248 do regulamento. Aos infraactores será applicada a pena consignada neste artigo

Espero de todos a fiel observancia deste aviso. Secretaria do Interior, em Bello Horizonte, 2 de junho de 1925.—O director da Instrukção, *Lucio José dos Santos*.